

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DEGEO
CURSO DE GEOGRAFIA

RAUL FRANKLIN CAMPOS SILVA

**UMA LEITURA GEOGRÁFICA
DA “VOCAÇÃO TURÍSTICA” DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR/MA**

São Luís
2024

RAUL FRANKLIN CAMPOS SILVA

**UMA LEITURA GEOGRÁFICA DA
“VOCAÇÃO TURÍSTICA” DE SÃO JOSÉ DE RIBMAR/MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Geografia da Universidade
Estadual do Maranhão como requisito para o
grau de Licenciatura em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Elisabete de Fátima
Farias Silva

São Luís
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Raul Franklin Campos

Uma leitura geográfica da "vocação turistica" de São José de Ribamar/MA / Raul Franklin Campos Silva. – São Luis, MA, 2024.

83 f

Trabalho de Conclusão de Curso (Gradua o em Geografia Licenciatura) - Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientador: Profa. Dra. Elisabete de Fatima Farias Silva

1.Paisagem. 2.Turismo religioso. 3.Turismo litorâneo. 4.Geografia.
I.Título.

CDU:338.48:2(812.1)

RAUL FRANKLIN CAMPOS SILVA

UMA LEITURA GEOGRÁFICA DA “VOCÇÃO TURÍSTICA” DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR/MA

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como requisito para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia

Aprovado em: 16/08/2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 **ELISABETE DE FÁTIMA FARIAS SILVA**
Data: 16/08/2024 14:03:11-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Prof.ª Dr.ª Elisabete de Fátima Farias Silva (Orientadora)
Doutora em Geografia – UNICAMP
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **JOSÉ ARILSON XAVIER DE SOUZA**
Data: 16/08/2024 14:05:19-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Prof. Dr. José Arilson Xavier Souza
Doutor em Geografia – UERJ
Universidade Estadual do Maranhão

Documento assinado digitalmente
 **JOSÉ DE RIBAMAR CARVALHO DOS SANTOS**
Data: 16/08/2024 13:52:50-0300
Verifique em <https://validar.dl.gov.br>

Prof. Me. José de Ribamar Carvalho dos Santos
Mestre em Saúde e Ambiente – UFMA
Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

AGRADECIMENTOS

À Deus Altíssimo, por toda a trajetória empenhada e por seu meu sustento em meio as adversidades acadêmicas e pessoais, dando-me perseverança até o exato momento.

Aos meus familiares, de modo especial minha mãe Raimunda, minha madrinha Lurdes e meu pai Ubenis por toda a colaboração e incentivo ao longo dos anos, ajudando-me a vencer cada obstáculo. Às minhas irmãs Lana, Danielle e Gabriela por ser um abrigo e um apoio imensurável em todas as etapas de minha vida, inclusive durante a Graduação. À minha esposa Regina Lacerda que, independente da situação, sempre está presente, tornando-se um refúgio.

Aos amigos do curso de Licenciatura em Geografia que muito colaboraram no meu processo de aprendizagem, através dos trabalhos apresentados, debates em sala de aula e envolvimento na pesquisa geográfica desde o primeiro período da graduação na UEMA.

Aos professores, coordenador e secretárias do curso de Licenciatura em Geografia da UEMA, por todo o apoio e compreensão durante a caminhada e por serem solícitos em todos os momentos.

À Professora Dra. Elisabete Farias por ter aceitado essa proposta de orientar-me durante esse período, por ser uma âncora e apontar os caminhos a serem percorridos. Gratidão por todo o envolvimento e pelas ricas contribuições para o amadurecimento desse Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos sujeitos envolvidos nessa pesquisa, de modo especial ao grupo de pessoas com as quais tive contato durante os trabalhos de campo: moradores, vendedores, turistas, Equipe da Secretaria de Turismo e Padre Danilo Fontinele pela colaboração nos instrumentos de coleta de dados, atenção e parceria.

“O mais importante é reconhecer e buscar captar a complexidade do espaço do turismo como campo de investigação da Geografia, concentrando-se o foco de análise nas relações sociais materializadas territorialmente [...]” (Assis, 2003, p.109).

RESUMO

Esse trabalho aborda como a construção e consolidação da “vocação turística” em São José de Ribamar/MA se realiza, ressaltando os seus desdobramentos espaciais e o cenário atual, principalmente quanto ao turismo ecológico litorâneo e ao turismo religioso praticados no município. A Geografia Cultural-Humanista, com o método fenomenológico, e a interpretação de questionários, entrevistas, reportagens de jornal e fotografias possibilitaram desnaturalizar a noção de “vocação turística”. O foco do estudo recai sobre a categoria de paisagem, entendida como meio humano de transformações e percepções diversas. A relação entre Geografia e Turismo e suas implicações espaciais são tratadas de modo a enfatizar os diversos agentes, setores, escalas e dinâmicas envolvidas. Espera-se contribuir com a discussão já posta quanto a relevância de São José de Ribamar no cenário turístico e colaborar com a leitura geográfica da paisagem que considere as diversas motivações turísticas.

Palavras-chave: Paisagem. Turismo religioso. Turismo litorâneo.

ABSTRACT

This work addresses how the construction and consolidation of the tourist vocation in São José de Ribamar/MA takes place, highlighting its spatial developments and the current scenario, mainly regarding coastal ecological tourism and religious tourism practiced in the municipality. Cultural-Humanist Geography, with the phenomenological method, and the interpretation of questionnaires, interviews, newspaper reports and photographs made it possible to denaturalize the notion of tourist vocation. The focus of the study falls on the category of landscape, understood as a human environment of transformations and diverse perceptions. The relationship between Geography and Tourism and its spatial implications are treated in order to emphasize the different agents, sectors, scales and dynamics involved. It is expected to contribute to the discussion already discussed regarding the relevance of São José de Ribamar in the tourist scenario and to collaborate with the geographical reading of the landscape that considers the different tourist motivations.

Keywords: Landscape. Religious tourism. Coastal tourism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	11
 Capítulo 1: GEOGRAFIA E TURISMO – BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
1.1 Geografia e Turismo: autores, obras e problemáticas	14
1.2 Geografia Cultural-Humanista como aporte significativo para compreensão do turismo ...	19
1.3 Paisagem na Geografia Cultural-Humanista	21
1.4 A formação da “vocação turística”: entre a potencialidade do atrativo e a consolidação de políticas.....	23
 Capítulo 2: SÃO JOSÉ DE RIBAMAR - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E PRÁTICAS TURÍSTICAS.....	28
2.1 O mito fundador de São José de Ribamar	31
2.2 O turismo e vocação turística no Plano Diretor da Cidade de São José de Ribamar	35
2.3 Turismo ecológico litorâneo em São José de Ribamar	40
2.4 Práticas religiosas e a atração turística em São José de Ribamar	49
 Capítulo 3: EXPERIÊNCIA DO TURISMO EM SÃO JOSÉ DE RIBAMAR.....	60
3.1 Os turistas na Praia do Banho e no Complexo Santuário	60
3.2 Comerciantes locais.....	67
3.3 A Igreja Católica e a Secretaria de Turismo de São José de Ribamar.....	69
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS	75
APENDICES	80

INTRODUÇÃO

A atividade de deslocamento sempre marcou a humanidade que, estando em busca de sobrevivência, oscilou entre fixações e movimentos, apropriando-se dos recursos naturais e deixando marcas na paisagem a cada novo espaço estabelecido. Mesmo em comunidades sedentárias, o deslocamento para suprir as necessidades do grupo era vital.

As marcas desse deslocamento e interação humana com o meio natural foram registradas nas paisagens que começaram a ser reconfiguradas de espaços intocados para co-criações mediante a interferência e interpretação humana. Um retroceder na História da Humanidade nos permite identificar essas transformações na paisagem como os indícios registrados nas pinturas rupestres, objetos de pedra lascada, artefatos de cerâmica e cobre, cultivos e tecnologias agrícolas, construções como estradas, pontes, casas de segunda residência, etc.

Motivado inicialmente apenas pela sobrevivência, o deslocamento humano passou também a ser encarado como possibilidade de lazer, momento de contemplação e conquista de novos conhecimentos em espaços que não eram do convívio cotidiano. Nesse contexto, as paisagens atrativas foram as exuberantes ou exóticas (comparadas a paisagem de origem do viajante). Foi, sobretudo, a partir do avanço do processo de Globalização que o deslocamento considerado turismo sofreu grande impulso no mundo, devido à compressão espaço-temporal provocada pela aceleração nos meios de transporte e de comunicação, com o meio técnico-científico informacional (Santos, 1994).

Diante do fenômeno crescente com cada vez com mais tipificações e diversidade de públicos e formas de atuação, o campo de pesquisas entre Geografia e Turismo vem se consolidando no Brasil entre diversas perspectivas teórico-metodológicas e enfoques. Especialmente no nordeste brasileiro, o turismo tem sido um setor de atenção de políticas e discursos que o compreendem como possibilidade para desenvolvimento local e regional. Disso, investimentos consideráveis nas últimas décadas tem sido aplicados, ampliado o setor e atraindo maior fluxo de pessoas, informações e mercadorias com objetivos de provocar a dinamização da economia regional.

O turismo, por se tratar de um setor com impacto direto na organização econômica, política e social acaba por impulsionar novas configurações espaciais e substanciais transformações na paisagem, o que a leitura geográfica deve considerar.

O espaço geográfico, de acordo com Milton Santos (1997), é um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de objetos e ações. O espaço

turístico vai denotar a participação determinante e ativa do turismo como atividade principal na porção de um espaço geográfico, reorganizando-o de acordo com diversos agentes e seus interesses. Pensar a “vocação turística” como um discurso criado acerca do espaço geográfico, entre o potencial dos atributos e a efetivação de políticas, tensiona rever alguns pressupostos utilizados pelo turismo que soam deterministas e determinantes, naturalizando os objetos e diminuindo o papel das ações no espaço. Sendo assim, a problemática dessa pesquisa permite elencar alguns questionamentos, tais como: O que faz um local ter “vocação turística”¹? Como as políticas e investimentos forjam esse tipo de “vocação” que se traduz em dinâmicas espaciais específicas voltadas para o turismo? Quais as transformações na paisagem decorrentes para estimular uma “vocação turística”? Tendo essa “vocação” ativada, como diferentes grupos sociais percebem e interferem no turismo?

No caso da Ilha Upaon-açu no estado do Maranhão, uma cidade se destaca como centro atrativo de propaganda “vocação turística”: São José de Ribamar. As belezas naturais – com destaque para seu conjunto de praias, falésias e manguezais – e a forte presença católica demarcada na paisagem com o Complexo do Santuário, destacam-se como atrativos que provocam tipos de turismo muito praticados em São José de Ribamar: o turismo litorâneo e o turismo religioso.

Na leitura geográfica da construção dessa “vocação turística” é relevante compreender também como os turistas interagem com as transformações da paisagem que impulsionam tal “vocação”. De onde vêm esses turistas? O que os atrai? Qual(quais) tipo(s) de turismo praticam? Quais locais visitam? Como o turismo se espacializa em São José de Ribamar atualmente?

A sintetização desses questionamentos permite-nos realçar a relação de Geografia e Turismo sob o viés econômico, político, histórico e cultural, considerando a percepção dos turistas nesse processo. Apesar da relação Geografia e Turismo já ter uma considerável produção acadêmica, pouco se discute sobre como a “vocação” para o turismo é construída, quais as transformações da paisagem se orchestra e a qual a percepção dos turistas sobre esse aspecto, no que espera-se contribuir com esta monografia.

Assim, esta pesquisa tem por objetivo geral compreender como a “vocação turística” foi sendo construída em São José de Ribamar/MA, ressaltando os seus desdobramentos espaciais e o cenário atual. Já como objetivos específicos, pretende-se situar alguns estudos na

¹ Optou-se por usar aspas em vocação turística para mostrar que se está questionando tal termo ao longo da monografia. Apesar de ser uma expressão naturalizada em muitos discursos, cabe à geografia discutir que não são os atributos físicos que determinam o turismo, mas uma série de políticas engendradas no espaço que o qualificam para a vocação turística, ou seja, esta é construída intencionalmente.

interface Geografia e Turismo; abordar a dimensão espacial do turismo ecológico litorâneo e religioso praticados em São José de Ribamar; comentar algumas das transformações das paisagens a partir do turismo ecológico litorâneo e do turismo religioso e; destacar as percepções dos turistas de São José de Ribamar como fonte qualitativa que pode contribuir para se pensar um planejamento mais adequado que fomenta o turismo.

Na investigação do fenômeno turístico em São José de Ribamar, seguiu-se a orientação do método fenomenológico, com a categoria de paisagem (Besse, 2014; Dardel, 2011; Santos, 1997) a partir da Geografia Cultural-Humanista (Holzer, 1997; Souza, 2010, 2017).

O embasamento teórico quanto a relação Geografia e Turismo teve apoio em Assis (2003), Galvão Filho (2005), Garcia e Bahl (2011), Rodrigues (1992), Silva e Fonseca (2010) e Souza (2017). Quanto ao turismo religioso, especificamente de São José de Ribamar, as contribuições foram de Anjos (2024), Azevedo (2008), Brussio, Souza, Santos e Ferreira (2022), Dias (2004) e Ferreira (2021). Já o turismo litorâneo, teve por base mais diretamente Castro et al (2018) e Lisboa (2015). Sobre o município de São José de Ribamar, Catanhede (2013), IMESC (2020, 2021), Miranda (2009, 2020), Pestana (1923), Reis (2001), Ribeiro (2019) e Teixeira et al (2023).

Além de revisão bibliográfica acerca do que já fora produzido sobre São José de Ribamar na temática escolhida pela compreensão espacial do turismo, a aplicação e interpretação de questionários (50 aplicados junto aos turistas e 22 realizados com vendedores locais) e entrevistas (desenvolvidas com a Secretária Adjunta de Turismo do município e um Padre representante da igreja católica) ajudaram a fundamentar a pesquisa.

O primeiro capítulo **“Geografia e Turismo”** sistematiza a relação entre esses dois campos, evidenciando como os estudos geográficos lidam com as temáticas turísticas em suas abordagens. Apresenta-se alguns aportes que discutem “vocação turística” e as estratégias utilizadas para consolidar os atrativos turísticos de um espaço com ações políticas. O segundo capítulo **“São José de Ribamar - situação geográfica e práticas turísticas”** ressalta a área de estudo, com uma abordagem histórica do município de forma a evidenciar a produção do seu espaço urbano e as transformações desse espaço a partir das técnicas humanas ao longo do tempo. Expõe o papel da religiosidade como traço característico no ordenamento da cidade e o papel da Igreja Católica no contexto local. Enfatiza ainda a “vocação turística” da cidade maranhense, discutindo a segmentação do turismo ecológico litorâneo e o religioso, elencando um conjunto de transformações da paisagem a partir do desenvolvimento dessas práticas na cidade. O capítulo **“Experiência dos turistas em São José de Ribamar: uma leitura**

geográfica do fenômeno” tem por foco a análise das percepções de visitante e dos moradores, além de envolver o conjunto de dados adquiridos em campo acerca do turismo litorâneo e religioso a partir da lente de diferentes sujeitos que possuem motivações e aspirações diversificadas para a escolha desse lugar como destino turístico.

MÉTODO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De acordo com Besse (2006, p. 78), “o ponto de vista fenomenológico, em geografia, permitiu abrir novos campos de pesquisa, suscitando o interesse pelas percepções, representações e atitudes diante do espaço”. Assim, a dimensão espacial nesse método é entendida como constituída de forma relacional e ativa entre sujeitos e espaço. O método fenomenológico busca suspender os juízos de valor pré-estabelecidos a priori para compreender a partir do próprio fenômeno os sentidos vivenciados e atribuídos pelos sujeitos. Assim, de forma situada, a fenomenologia provoca voltar à experiência do mundo vivido e investigar de forma profunda e detalhada como as relações estabelecidas manifestam certos temas.

De caráter qualitativa, esta pesquisa articulou procedimentos metodológicos que pudessem contribuir na interpretação da construção da “vocação turística” em Sao José de Ribamar quanto ao turismo religioso e de litoral.

O levantamento bibliográfico da temática contou com teses, dissertações, monografias, artigos científicos e capítulos de livros, encontrando um conjunto significativo de obras já publicadas principalmente por turismólogos ou leituras mais economistas e sociológicas do fenômeno turismo. Durante o levantamento, encontrou-se, inclusive, diversos trabalhos acadêmicos produzidos na geografia que davam ênfase à dimensão espacial do turismo em São José de Ribamar. Também fez parte da revisão sobre o tema investigado, a leitura e interpretação do Plano Diretor do município (2006) e a busca sistemática por reportagens de jornal e informes oficiais da Prefeitura e do Santuário acerca da concepção de turismo, transformações realizadas e práticas adotadas nos últimos anos com tendência a reorganização espacial.

A coleta de dados por entrevista foi utilizada para turistas, comerciantes, um dos representantes da religião católica local e à equipe da Secretaria Municipal de Turismo. Tais procedimentos trouxeram contribuições interessantes para a compreensão de como o fenômeno da “vocação turística” para apreciação da religião e do litoral se efetivam.

Capítulo 1: GEOGRAFIA E TURISMO – BREVE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A Organização Mundial de Turismo – OMT (2014) define turismo como “[...] fenômeno social, cultural e econômico que implica o deslocamento de pessoas para países ou lugares fora do seu ambiente habitual, com finalidade pessoal ou profissional”

Corrêa e Souza (2017, p.33) trazem outras definições que priorizam certos aspectos do turismo, tal como turismo enquanto “todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na chegada, na permanência e na saída dos turistas de determinada cidade, país ou estado” (Barreto (1995, p. 9) ou “uma atividade humana intencional que serve como meio de comunicação e como elo de interação entre povos, tanto dentro como fora de um país. Envolve o deslocamento temporário de pessoas para outras regiões ou países visando à satisfação de outras necessidades que não a de atividades remuneradas” (Trigo, 1999, p.12).

O aspecto do deslocamento também é evidenciado na conceituação de Turismo feito pela geógrafa Rita de Cássia Ariza da Cruz que entende a atividade como uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu desenvolvimento, sua prática, ou seja, “o turismo [...] antes de qualquer coisa, [é] uma prática social [...] e o espaço seu principal objeto de consumo.” (Cruz, 2006, p. 15).

Para Machado (2007, p. 73), o turismo é um fenômeno de caráter socioespacial que “consiste no deslocamento espacial, temporário e voluntário, realizado de forma individual ou coletiva que apresenta como fator motivador fundamental a alteridade, alcançada na busca pela satisfação pessoal, podendo esta ser motivada pelo lazer, recreação, descanso, cultura e em casos específicos a saúde”.

As pesquisas concordam que o termo turismo surge atrelado aos benefícios oriundos da Revolução Industrial, na Inglaterra, século XIX. Nesse período, os deslocamentos com fins turísticos se davam em função do lazer restritos à aristocracia da época, caracterizando-se assim como uma prática de *status* seleta a alta classe econômica. Somente no século XX e início do XXI é que o turismo se consolidou como um fenômeno global que atingiu outras classes e distintas paisagens e interesses, diversificando a prática turística.

Foi a partir do final da Segunda Guerra Mundial que a atividade turística adquiriu vitalidade crescente, período também referido como “o ‘boom’ do turismo como fenômeno de massa” (Boyer, 2003 apud Corrêa; Souza, 2017, p.25). Isto se deve a diversos fatores, como: o avanço nos meios de transporte (automóvel e avião) e nos meios de comunicação; as conquistas das classes trabalhadoras, com a diminuição gradual da jornada de trabalho; o progressivo adensamento de áreas urbanas que impôs a evasão do cotidiano e o lazer como

verdadeira necessidade, entre outros.

No âmbito mundial, os anos de 1990 marcam quando o turismo de massa começou a ganhar forma. Já que até à década de 1980, apenas grandes capitais como Roma, Londres, Paris ou Nova Iorque tinham esse status turístico com proeminência. De acordo com o pesquisador português Amilcar (2008, p.01), ao analisar como o turismo na Europa alavancou a economia urbana: a prosperidade que “o turismo evidenciava e as alterações visíveis nos padrões de procura turística criaram, nesta actividade, uma esperança para a inversão da situação de declínio, que muitas áreas centrais de diversas cidades vinham a evidenciar durante a segunda metade do século XX”

Almeida (1998) considera que o crescimento do turismo na escala mundial se deve a grande contribuição do desenvolvimento técnico a partir da segunda metade do século XX. Tal desenvolvimento possibilitou o intercâmbio de pessoas, mercadorias e informações (Santos, 1998), facilitando que fronteiras (delineadas por diferentes línguas, moedas, culturas) fossem transpostas. Daí o destaque que se faz aos fluxos e as redes que o turismo é capaz de orquestrar, já que como enfatiza Almeida (1998, p. 124):

Pensar o turismo é, pois, inseri-lo em um processo global em que prevalece a ampla circulação de capitais e mercadorias, indivíduos e idéias e produtos culturais e símbolos e dentro do qual ganham relevo os apelos mercadológicos para a experimentação de novos lugares, sensações e diferenças culturais. Turismo é, sobretudo, fluxos e redes.

O turismo, especialmente acompanhando a perspectiva de estudos geográficos mais contemporânea, é entendido como um fenómeno socioespacial complexo, com o envolvimento de diversos agentes e interesses. Disso, o turismo não impactar apenas a economia local – apesar de a circulação de pessoas, capitais e mercadorias incidirem diretamente -, mas também em uma rede global que alavanca outras atividades e nos aspectos sociais e culturais do local ao envolver uma outra configuração espacial que pode vir a causar conflitos, ampliando desigualdades e dependências. Disso, a necessidade de conjugar as esferas econômicas, sociais, culturais, políticas e ambientais no espaço turístico em diferentes escalas e articulação de redes (Machado, 2007; Corrêa; Souza, 2017).

Na Geografia, os relatos dos viajantes do século XVI são entendido como os primeiros documentos oficiais que dão origem aos estudos do campo científico entre Geografia e Turismo. Tais escritos deixados por viajantes cronistas, especialmente no período de expansão colonial ultramarina, e partindo de planejamento anterior com altos investimentos dos Estados-Nação europeus em prol da catalogação, exploração e domínio dos novos espaços “descobertos” são até hoje fonte à geografia. Sobre essa questão, Assis (2003, p. 108) ressalta:

As primeiras relações da Geografia com o Turismo se respaldam nas práticas das viagens e no interesse pelo conhecimento de novos lugares. As viagens são práticas geográficas clássicas que estão no cerne dos estudos das diferenças espaciais existentes na superfície terrestre. Os precursores dessa proto-Geografia são os viajantes que, através dos seus relatos e compêndios de curiosidades sobre lugares exóticos, instigaram os Estados a incentivarem as expedições científicas para a catalogação sistemática de dados e informações sobre os continentes e os países descobertos.

As viagens de descobertas mencionadas acima não se comparam às viagens turísticas nos moldes atuais, visto os contextos históricos distintos – meios comunicação e de transporte, interesses políticos envolvidos, informações disponíveis sobre as viagens, etc. Ainda assim, com os conhecimentos que se tinha a época, tais viagens foram relatadas em detalhes por cronistas e ajudaram a compreender as motivações e percepções no deslocamento a um espaço distinto da origem do viajante, e a compor a sistematização da geografia enquanto ciência que viria a partir do século XVIII (Assis, 2003).

1.1 Geografia e Turismo: autores, obras e problemáticas

O interesse dos geógrafos pelo turismo vai se constituindo de forma mais estruturada a partir do século XIX, expandindo-se pelo século XX; o geógrafo Kohl (1848) se destaca por seus estudos sobre a dimensão espacial do turismo ao ressaltar a transformação do espaço por meio dos deslocamentos de pessoas a um destino. Já no início do século XX, os geógrafos alemães Hettner e Hassert se destacam pela produção na área (Silva; Fonseca, 2010).

A expressão Geografia do Turismo, por exemplo, foi utilizada em 1905 pelo geógrafo austríaco Stradner (o termo original foi *fremdenverkehrsgeographie*), no qual o interesse recaía sobre os efeitos positivos do turismo na balança de pagamentos e sobre as motivações dos viajantes. Com base nisso, Rodrigues (1992, p. 72) elucida que:

Stradner [...] fue el introductor en la bibliografía germana especializada del término geografía del turismo (Fremdenverkehrsgeographie), el cual, desde entonces, ha servido para designar a la rama de nuestra disciplina que se ha ocupado de analizar de una manera particular ciertos impactos producidos por lo que de una manera amplia pudiérmós llamar el fenómeno del ocio.

Em 1936, é realizado o I Congresso Nacional de Turismo, organizado pela Sociedade de Geografia de Lisboa, na capital portuguesa. Alexandre (2001) atenta para o fato de que no período os estudiosos das ciências humanas não se debruçavam com afinco sobre o ramo econômico do turismo, mas o foco permanecia no deslocamento e novas descobertas.

Na década de 1960, a geografia francesa passa a enfatizar estudos sobre a análise espacial do turismo, com destaque para os geógrafos Pierre Defert e Charles Reau que

analisam a organização do espaço com base nos impactos da atividade turística no meio natural, social, econômico e cultural.

O final do século XX apresenta debates significativos entre Geografia e Turismo, sobretudo pelo fato de acentuada escalada econômica nos países centrais do capitalismo, no período do pós-guerra, onde um número expressivo de europeus e norte-americanos começa a se locomover de forma mais preponderante em suas viagens de lazer. Daí surgem as proposições sobre as regiões turísticas, suas potencialidades e também modelos tipológicos para o enfoque da prática turística.

A sociedade da época passava a evocar o lazer como um bem tão importante quanto a educação, o trabalho e a moradia e, nesse contexto, os estudos sobre “[...] as formas e os processos de organização espacial demandados pelos grupos humanos ao realizarem a função vital do lazer e do descanso [...]” (Silva; Fonseca, 2010, p. 3) começam a ser analisadas por Ruppert e Maier, em 1969.

Rodrigues (1992) destaca o interesse da geografia em discutir o lazer em áreas urbanas e rurais nas produções científicas de 1970 e 1980, em nível internacional. Os trabalhos desenvolvidos na linha da Geografia Tradicional ganham ênfase, podendo ser exemplificados os escritos de Miossec (1977) e Pearce (1981). O primeiro, apresentando modelos teóricos de espaços turísticos e o outro, propondo um esquema teórico de fluxos turísticos, tomando por base uma região da Nova Zelândia.

Por outro lado, os estudos de Remi Knafo desenvolvidos entre os anos de 1979-1988 e os apontamentos de Juan-Eugeni Sanches, de 1985, apresentam princípios marxistas a partir de suas propostas metodológicas para o estudo do turismo na zona litorânea e nos Alpes franceses expressando tendências de uma Geografia Crítica.

A diferença de interpretação e abordagem dos estudos desenvolvidos, a partir das fases vivenciadas pela própria ciência geográfica, modela e norteia os escritos da época. Assim, “mesmo com posturas antagônicas, cada fase traz sua contribuição”, já que “devemos entender que a história da produção geográfica sobre o turismo foi (e continua sendo) também uma parte da história da Geografia atrás das delimitações de seu objeto de estudo” (Galvão Filho, 2005, p.15)

Rodrigues (1992) resume que a percepção espacial atrelada ao imaginário do indivíduo turista é destacada nas pesquisas de Miossec (1977), na qual o estudioso enfatiza uma tipologia de imagens turísticas. Muscara (1983) também caminha nessa vertente, ressaltando a percepção do espaço de consumo. Pode-se ressaltar também as pesquisas de Urbain (1983) apontando os valores e motivações dos turistas em relação às viagens, tomando

por base os folhetos turísticos da Tunísia.

É possível sinalizar, com base nos estudos de Rodrigues (1992), que o início dos anos 1990 é permeado por estudos e pesquisas sobre o Ecoturismo, onde as preocupações ecológicas sobressaem-se as demais, como a obra “Ecotourism: the potentials and pitfalls”, de Elizabeth Eco (1990), sobre a necessidade de preservação ambiental nos Estados Unidos.

Em relação à realidade brasileira, a primeira pesquisa geográfica voltada a análise da atividade turística remonta ao ano de 1975, com a tese “O litoral norte do estado de São Paulo: formação de uma região periférica”, de Armando Corrêa da Silva, defendida na Universidade de São Paulo (USP) (Silva; Fonseca, 2010).

No ano seguinte, a tese de livre-docência de Kleber Assis (1976), “O turismo interno no Brasil”, que fora escrito para um concurso no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), salienta o campo da Geografia do Turismo. No mesmo ano também houve a publicação de artigo do autor Juergen Langembuch que estabelecia tipologias e modelos de espaços turísticos, a partir de pesquisa de campo no litoral paulista (Galvão Filho, 2005).

Seguindo a linha cronológica, tem-se a tese “O fato climático nos sistemas territoriais de recreação”, de Evandro Barbieri (1979), na USP, que investiga os aspectos climatológicos, destacando o clima e sua relevância para os destinos turísticos. Nesse mesmo ano, Odette Seabra (1979) defendeu a dissertação que estudava a segunda residência na cidade de Santos, no estado de São Paulo, ressaltando a percepção do lazer na vida das pessoas.

Entre os anos 1981 e 1987, há estudos voltados para as potencialidades ambientais, as feições morfológicas e paisagísticas para o uso turístico no Brasil. Entre as pesquisas empreendidas, destacam-se Maria D. Buss e Maria Hilde Góes que investigaram a relação entre as classificações de áreas turísticas e o planejamento local (Galvão Filho, 2005). Vale ressaltar que as investigações científicas pairavam sobre a análise litorânea que, desde aquele momento caracterizava-se como principal destino turístico no cenário nacional.

A tese de Adyr Rodrigues (1985), a geógrafa enfatiza o impacto da atividade turística à população local, tomando como área de estudo a cidade de Águas de São Pedro, no interior paulista. Em seu trabalho, a referida autora expõe a cidade como “[...] uma estância criada artificialmente para exploração das águas minerais, significativo exemplo de espaço produzido pela empresa privada para exploração do turismo termal” (Rodrigues, 2001, p. 55).

Os trabalhos ora elencados fulguram como as primeiras investigações acerca do fenômeno turístico na análise geográfica brasileira, entendendo-o como uma atividade produtora e também consumidora do espaço geográfico.

Fazendo uma caracterização dos trabalhos desenvolvidos, Souza (2009, p. 45) expõe que “tradicionalmente, os estudos geográficos do Turismo se detêm pelos serviços e distribuição da infraestrutura turística, sobressaindo-se os aspectos desempenhados pela oferta dos lugares, seguido das atrações paisagísticas”. Mas o pesquisador sinaliza que a o desdobramento de novas pesquisas na interface Geografia e Turismo vem contribuindo para a ampliação e amadurecimento de novas possibilidades investigativas, à exemplo da abordagem cultural-humanista.

Pelo fato do Turismo se constituir um fenômeno amplo e rico no sentido das reflexões espaciais decorrentes, a Geografia vem ao longo dos anos se debruçando sobre sua análise, conformando um campo de estudo denominado “Geografia do Turismo”, acenando para a análise do fenômeno turístico no espaço (Rodrigues, 1997). Com isso, é preciso salientar que os termos Geografia do Turismo e Geografia Turística não são sinônimos e, por isso, sua distinção se faz precisa nesse contexto.

A [...] [Geografia do Turismo] estaria focada sobre uma reflexão geográfica do Turismo nas suas múltiplas dimensões espaciais, enquanto a [...] [Geografia Turística] estaria preocupada em simplesmente repassar informações descritivas dos lugares, sem exprimir quaisquer preocupações analíticas sobre as realidades interferidas pela atividade turística (Souza, 2009, p. 45).

No campo da Geografia do Turismo tem-se como um de seus expoentes o pesquisador Douglas G. Pearce que ao longo dos anos vem debatendo e publicando sobre a área e seu desdobramento espacial. O livro intitulado “Geografia do Turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens” (Pearce, 1987), é considerada uma das principais obras do autor e cujo objetivo recai na análise, de modo sistemático e abrangente, das dimensões geográficas do turismo tomando por base os fluxos turísticos estabelecidos, suas dinâmicas e influências nas localidades.

De acordo com Pearce (2003, p. 25. Grifo nosso),

O turismo é uma atividade que diz respeito **essencialmente a pessoas e lugares: a lugares que um grupo de pessoas deixa, visita ou que nele está de passagem**; a outro grupo de pessoas, as que tornam possível a viagem, e outras ainda, aquelas com as quais cruzam pelo caminho [...] Em termos geográficos, uma diferença fundamental entre turismo e outras formas de lazer, como aquelas praticadas em casa (por exemplo, ver televisão) ou dentro de um perímetro urbano (por exemplo, frequentar a piscina do clube local), é o componente viagem.

A conceituação de Turismo defendida por Pearce (2003) evidencia dois tipos de lugares: i) o que é deixado e ii) o que é visitado ou que será passagem. Ainda que a passagem

não seja o destino final do visitante, onde ele vai permanecer por mais tempo, também compõe a trajetória do deslocamento turístico.

Assim, a Geografia deve entender o fluxo turístico quanto as zonas de emissão e de recepção sem, todavia, menosprezar o deslocamento entre tais zonas reconhecendo que daí surgem relações sociais.

O mais importante é reconhecer e buscar captar a complexidade do espaço do turismo como campo de investigação da Geografia, concentrando-se o foco de análise nas relações sociais materializadas territorialmente nas **zonas de emissão, de deslocamento e de recepção** de turistas que resultam no processo de produção e reprodução do espaço (Assis, 2003, p. 109. Grifo nosso).

O turismo possui um tríplice aspecto ou zonas nas quais se produz o espaço turístico e cada uma delas possui incidências territoriais específicas: zonas de emissão (áreas dispersoras), zonas de deslocamento e zonas de recepção (áreas de atração). Essas zonas são importantes para o estudo geográfico uma vez que nelas acontece a produção do espaço turístico e se dá também o consumo do espaço (Rodrigues, 1992).

O deslocamento, a apropriação e as políticas de promoção ao turismo acabam por estimular uma dinâmica intensa:

Os objetos materiais e imateriais que se constituem elementos pelo qual o turismo se apropria e os transformam em produto turístico, estão espacialmente distribuídos e localizados no território. Esses elementos culturais, históricos e paisagísticos fixados no espaço, propõem ao turista a oportunidade de se deslocar de sua cidade de origem em busca do desfrute dos recursos turísticos presentes em outros lugares. O espaço, desse modo, se constitui a base material no qual estão fixados os elementos de consumo da atividade turística [...] (Silva; Fonseca, 2010, p. 7).

Com base nas motivações e nos perfis dos turistas se tem a conformação dos segmentos turísticos que, de modo geral, serve para dividir e organizar os diferentes grupos, valendo-se dos padrões de oferta e das características e variáveis da demanda.

Há uma diversidade de terminologias ligadas à atividade turística, caracterizando-se em segmentos como: Turismo Ecológico, Turismo Cultural, Turismo Religioso, Turismo de Megaeventos, Turismo de Saúde, Turismo de Negócios, entre outros (Ministério do Turismo, 2021). Para fins desse estudo, serão enfatizados o Turismo Ecológico litorâneo e o Religioso.

De modo geral, o setor e a prática turística devem ser orientados e organizados de modo a se ter um equilíbrio com responsabilidade social, primando pelos direitos éticos e pela sustentabilidade (Ministério do Turismo, 2021). Assim, os Poderes Público Estadual e Municipal devem efetivar e consolidar uma “vocação turística” que garanta benefícios também para a comunidade local, de forma sustentável e democrática.

Ao se referir ao desenvolvimento que pode ser gerado através do Turismo, é plausivo

destacar que a atividade turística passa a ser vista e entendida como instrumento de promoção dos lugares, uma aliada no processo de obtenção de desenvolvimento local. Nesse prisma, o governo (nacional, regional e local) alia o desenvolvimento turístico às suas estratégias econômicas (Silveira apud Rodrigues, 1991). Por essa razão, Barbosa (2005, p 108. Grifo nosso) contextualiza que:

O turismo é uma força econômica das mais importantes do mundo. Nele ocorrem fenômenos de consumo, originam-se rendas, criam-se mercados nos quais a oferta e a procura encontram-se. Os resultados do movimento financeiro decorrentes do turismo são por demais expressivos e justificam que **esta atividade será incluída na programação da política econômica de todos os países, regiões e municípios.**

O autor acima destaca que para que se efetive um desenvolvimento local é necessário a equalização de cinco objetivos básicos: 1) Preservação/conservação ambiental; 2) Identidade cultural; 3) Geração de ocupações produtivas e de renda; 4) Desenvolvimento participativo e 5) Qualidade de vida.

Ao se mencionar o desenvolvimento do turismo com base local, acena-se para a contribuição no quesito renda/arrecadação, capaz de dar dinamismo econômico aos lugares. Entende-se, pois que embora, em muitos casos, seja tratado como meramente uma “fonte” econômica, um canal de renda e de divisas, o turismo envolve questões mais profundas, podendo impactar o espaço e a cultura da comunidade local. Deve-se, assim, primar pela preservação ambiental e caracterização das culturas tradicionais/locais, evidenciando suas feições e nuances.

1.2 Geografia Cultural-Humanista como aporte significativo para compreensão do turismo

Em “Contribuições da Nova Geografia Cultural na atividade turística” (Garcia; Bahl, 2011), os turismólogos reconhecem a fundamentação teórica das reflexões proporcionadas pela Geografia Cultural, principalmente na percepção do turismo a partir da paisagem e o envolvimento de diversos agentes. “No âmbito destes estudos, atualmente, torna-se inconcebível estudar a geografia de uma cidade, de uma região, ou ainda de um país, sem se interessar pelas pessoas que nela vivem”. O turismo nas cidades tem de considerar, então, o espaço não “como palco ou como um mero pano de fundo para os acontecimentos urbanos, mas, sobretudo sendo o grande propulsor e fomentador para os acontecimentos de ordem política, econômica e cultural no desenvolvimento das cidades” (Garcia; Bahl, 2011, p.28).

A Geografia Cultural tem como foco “a compreensão da experiência do ser humano no meio ambiente social, compreender o significado que estes impõem ao seu ambiente e

atribuindo valores à vida em sua dimensão espacial”. A difusão do campo cultural na Geografia remonta à Europa, com o estudo de diferentes gêneros de vida e suas paisagens, primeiramente em estudos de comunidades rurais. Além de países europeus como França e Alemanha, a produção estadunidense também passou a considerar os estudos da cultura em suas análises geográficas, sistematizada ao longo do século XX.

Destacam-se três pensadores que deram base a Geografia Cultural: Carl Sauer e seus antecessores Friedrich Ratzel e Paul Vidal de La Blache. A obra “Antropogeografia” se destaca com um dos marcos da produção de Ratzel, evidenciando aspectos etnográficos e políticos na análise dos fundamentos culturais da diversidade e das repartições dos homens e das civilizações.

Em relação aos estudos de Carl Sauer, o interesse recai sobre as marcas humanas na paisagem, pois como destaca o próprio geógrafo, “a Geografia Cultural se interessa, portanto, pelas obras humanas que se inscrevem na superfície terrestre e imprimem uma expressão característica” (Sauer, 2011, p. 22). De todo modo, as considerações arroladas por Sauer vão sendo criticadas, entre outros fatores, por não aprofundar a criticidade sobre a natureza e sociedade, não contemplando de forma holística as ações desempenhadas pelo indivíduo. Além disso, tinha-se uma visão de um indivíduo que apenas absorvia a força da cultura, externa e superior a ele.

Contudo, críticas direcionadas a como esses estudos compreendiam cultural fizeram com que surgissem outras abordagens e uma reestruturação da Geografia Cultural. Souza (2010, p.72) entende que “[...] até que acontecesse o processo de revisão dos geógrafos ao conceito de cultura, seus estudos se desenvolviam de uma forma reducionista, limitando-se às técnicas e utensílios que os homens utilizavam na transformação da paisagem, reflexo do que se entendia por cultura.

A abordagem cultural da Nova Geografia Cultural corrige essas orientações e “[...] a cultura passa a se constituir em um elemento primaz às análises de tal natureza, não mais explicando tudo, e sim precisando ser explicada quando abordada em estudos sobre as realidades geográficas de regiões, territórios, paisagens e lugares” (Souza, 2010, p. 73). Esse movimento dá suporte a novos aportes, corroborando para a renovação da Geografia Cultural.

Cosgrove e Jackson (2007, p. 136 apud Souza, 2010) são diretivos ao apontarem características desse novo modelo de atuação da Geografia Cultural:

Uma possível definição dessa ‘nova’ geografia cultural seria: contemporânea e histórica (mas sempre contextualizada e apoiada na teoria); social e espacial (mas não reduzida a aspectos da paisagem definidos de forma restrita); urbana e rural;

atenta à natureza contingente da cultura, às ideologias dominantes e às formas de resistências. Para essa ‘nova’ geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada e, contestada e constituída.

O processo de renovação da Geografia Cultural se deu por volta da segunda metade da década de 1970, na qual houve redefinições teórico-metodológicas, ampliando as temáticas e fenômenos estudados ao ressaltar, principalmente, os aspectos simbólicos e identitários. Nesta seara, temas como religião passaram a ser abordadas de forma mais estruturada, encarada como espaço de vivência simbólica. Em se tratando do turismo religioso, não bastava apenas indicar a procedência dos visitantes numa cidade, mas buscar as nuances de suas motivações, sustentadas na base religiosa, envolvendo aspectos simbólicos, identitários e afetivos em sua conjuntura.

Sobre esse aspecto, Anjos (2024, p. 128. Grifo nosso) retoma:

[...] a cultura atua na construção de espaços e se entende a religião com sua força materializada espacialmente a partir da conformação de formas simbólicas (que são espaciais). **Essa aproximação, além de enfatizar aspectos físicos, materiais também acena para abordagens subjetivas, imateriais, das representações** que podem ser feitas pelos diferentes sujeitos na/da cidade.

Com base nesse apontamento, a Nova Geografia Cultural soma a materialidade mais camadas de significação, o que torna os estudos mais complexos e correlacionados com a vivência dos diferentes sujeitos e modos de se apropriar das paisagens. Assim, essa vertente da geografia possibilita entender o turismo também com experiência que considera um amplo conjunto de valores e interpretações.

1.3 Paisagem na Geografia Cultural-Humanista

Seguindo autores que abordam uma leitura geográfica dos valores simbólicos que o turismo provoca em suas transformações e dinâmicas espaciais, optamos por trabalhar a categoria de paisagem nessa monografia - justamente pela dimensão da implicação humana na interação e interpretação, dando ênfase, sobretudo, às transformações e percepções decorrentes de dada fisionomia terrestre no conceito de paisagem.

Para Dardel (2012, p.30), “Muito mais que uma justaposição de detalhes pitorescos, a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, é uma ligação interna, uma ‘impressão’, que une todos os elementos”.

Então “A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar”. Apesar da visibilidade tão remetida ao conceito de paisagem, em sua essência, a

paisagem não é feita para se olhar. Enquanto “inserção do homem no mundo”, ela é “lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social” (Dardel, 2012, p. 31-32)

No turismo, a paisagem tem um forte apelo visual para atrair turistas, tanto que são exploradas e divulgadas em seus melhores ângulos. Mas o que constitui uma paisagem turística? Sempre tal paisagem foi considerada turística? Ela tem um caráter turístico para todos que ali convivem? Sendo o litoral, por exemplo, uma fisionomia terrestre tão atrativa e aprazível a presença humana, por que apenas algumas poucas praias são consideradas turísticas mesmo que a diferença entre elas não seja apenas de valor estético? Como o turista e o morador local miram a paisagem turística? Como a paisagem turística dinamiza as relações espaciais em São José de Ribamar:

Besse (2014, p.21), entende que “a paisagem se deixa ver, mas, além do simples pitoresco, na ordem própria da visibilidade que a paisagem oferece, o ser humano, ao situar-se nela visualmente, nela descobre as dimensões do seu ser”. Assim, a dimensão de ser turista funda a um só tempo a paisagem e a pessoa situada. A mirada humana funda a paisagem turística impulsionada pelas motivações do deslocamento, como as motivações de caráter religioso, cultural, ecológico, econômico, entre outras, que são interesubjetividades construídas historicamente e impulsionadas pela divulgação de paisagens que já sofreram transformações voltadas para bem receber o turista. Desse modo, a presença do turista em tal paisagem reafirma a fundação da paisagem turística, ao mesmo tempo que é no deslocamento de uma viagem turística que alguém se faz ser, efetivamente, turista implicado em tal paisagem.

A paisagem é “fundamentalmente um horizonte que se abre”, na qual os sujeitos e o espaço estão implicados. Disso, Besse (2014, p.21) entende a partir da obra de Eric Dardel que a paisagem só é geográfica “pelos seus prolongamentos, pelo plano de fundo real ou imaginário que o espaço abre além do olhar”, onde os elementos e o sujeito se fundem no atravessamento de ver-se. Ou seja, “não há paisagem sem profundidade” e essa profundidade é a existência humana de mirar-se produzindo e realizando paisagens.

“Antes então da instituição de qualquer experiência visual, antes de qualquer espetáculo, e dando ao espetáculo sua verdadeira dimensão, a paisagem é expressão, e, mais precisamente, expressão da existência” (Besse, 2014, p.21), interpretada e significada pelos sujeitos. De acordo com essa leitura, não existe nenhuma paisagem bonita ou feia em si, turística ou não turística em si, mas apenas na relação da experiência humana em um ato de julgar, comparar, denominar e, principalmente, ocupar tal paisagem com tal finalidade.

Ao valorar a paisagem, a experiência humana direciona tal categoria geográfica. Tanto que Besse (2014, p.92) afirma que “ A paisagem é essencialmente mais mundo do que natureza, ela é o mundo humano, a cultura como encontro da liberdade humana com o lugar do seu desenvolvimento: a Terra”. Assim, ao contemplar o mundo humano que mira as fisionomias terrestres e as significa de modo diverso a depender do período histórico, classe, idade, religião, entre outros interesses específicos de cada grupo humano, este estudo se volta a paisagem como categoria capaz de abarcar a compreensão espacial do fenômeno turismo na fundação relacional recíproca entre paisagem e turismo/turistas.

Assim, deve-se reconhecer as limitações de uma leitura formal e funcional das paisagens por sua mera aparência, já que nem sempre a realidade visível esclarece completamente o fenômeno. “As paisagens podem ‘mentir’ (Claval, 2004), se não admitirmos que não é somente a ‘realidade objetiva’ que deve reter nossa atenção, mas também como essa realidade fala aos sentidos do sujeito que observa. É preciso admitir a paisagem enquanto convivência, explorando seus ‘fios cruzados e trocas recíprocas’ (Claval, 2004, p.49). Vista assim, a paisagem é, ao mesmo tempo, marca e matriz (Berque, 1998), já que “as sociedades organizam seus ambientes em função da percepção que elas têm deles e, reciprocamente, parece que elas os percebem em função da organização que dão a eles (Claval, 2004, p.50) (Serpa, 2019, p.81).

Quanto as “paisagem podem mentir” ou omitir, já que escondem algumas das dinâmicas na formação de sua configuração atual, a paisagem turística vocacionada historicamente (Amilcar, 2008) nem sempre é percebida como tal pelo turista - tão pouco é questionado como foram realizadas essas transformações históricas e como isso pode acarretar em paisagens que se voltem, exclusivamente, para atender o mercado do turismo, desconsiderando outras necessidades dos moradores locais ou, mesmo, descaracterizando as paisagens a tal ponto de não mais ter uma identidade diferencial que as faziam ser tão atrativa.

Disso a necessidade de a leitura geográfica situar tanto a formação da paisagem que alavanca a “vocalização turística” em seu processo contínuo de heranças e atualidade por políticas e práticas de forças internas e externas (Santos, 1997), quanto a “profundidade” “desse mundo humano” que se desdobra horizontes de sentidos diversos pela percepção dos sujeitos que a vivenciam (Besse, 2014; Dardel, 2011).

1.4 A formação da “vocalização turística”: entre a potencialidade do atrativo e a consolidação de políticas

“Vocalização turística” é uma expressão corriqueira em discursos oficiais, documentos e reportagens, comumente veiculada a certos espaços que possuem uma característica a

priori, em si, o qual “naturalmente” atrai a prática turística. Assim, a expressão é utilizada como se fosse algo ao acaso, que dependesse exclusivamente dos atributos naturais.

Contudo, essa expressão quando não situada acarreta em um certo determinismo geográfico ao se ignorar ou, mesmo, subestimar o papel das atividades humanas para que essa vocação existisse e fosse divulgada como tal, já que tanto as transformações na paisagem para o turismo quanto o próprio ato de nomear aquele atributo como turístico já é uma relação de intervenção intencional na qual se funda tal vocação.

Disso, na leitura geográfica da “vocação turística” de São José de Ribamar o objetivo ser a suspensão do juízo comum da vocação enquanto natural ao turismo, determinista e determinante, mas sim associar argumentos que mostrem a vocação enquanto uma formação socio-espacial histórica construída com forças internas e externas. Tal vocação construída perpassa tanto grandes obras, projetos e investimentos a partir de agentes como o Estado e a Igreja, como a própria presença do turista que acaba por confirmar aquele espaço como turístico, participando e fundando a paisagem em sua dinâmica turística.

Se a leitura do espaço se der apenas pelas formas em si, enquanto elementos materializados prontos e acabados sem relação com os demais, ignoramos as formações, processos e dinâmicas que tornaram e tornam aquela realidade dinâmica possível. Então associar a compreensão da formação socio-espacial em seu processo histórico é fundamental para compreender como a “vocação turística” é uma construção datada e validade por diversas ações e agentes que produzem tais formas-conteúdo.

De acordo com Milton Santos (1997, p.86) “A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço explica-se tanto pelas necessidades ‘externas’, aquelas do modo de produção ‘puro’, quanto pelas necessidades ‘internas’”. Então, é preciso compreender as determinações específicas que produzem o espaço não como “uma mera potência, uma simples vocação”, mas como realização “pelo espaço e no tempo” (Santos, 1997, p.89).

Cada combinação de formas espaciais e de técnicas correspondentes constitui o atributo produtivo de um espaço, sua virtualidade e sua limitação. A função da forma espacial depende da redistribuição, a cada momento histórico, sobre o espaço total da totalidade das funções que uma formação social é chamada a realizar. Esta redistribuição-relocalização deve tanto às heranças, notadamente o espaço organizado, como ao atual, ao presente, representado pela ação do modo de produção ou de um dos seus momentos (Santos, 1997, p.89).

Contudo essa leitura geográfica da dinâmica entre heranças e o momento atual na construção e validação da “vocação turística”, como aqui estudada, nem sempre é realizada, restringindo o espaço turístico ao atrativo turístico, deslocado de suas relações com forças

externas, internas, políticas adotadas e as práticas ali vividas.

Para exemplificar, trazemo a noção de atrativo turístico pela Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo - Embratur² (1992, p. 5). O atrativo turístico é “[...] todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse para o turismo. Por tal motivo, esse atrativo se configura no principal componente do produto turístico, determinado a seleção do local de destino de uma visitação”.

Assim, a motivação para a atividade turística advém na busca do desfrute de elementos físicos e culturais presentes em outras localidades, implicando numa ruptura com o cotidiano (Fonseca, 2005). Nesse cenário, as singularidades de cada lugar se tornam importantes, pois os atrativos contribuem para a escolha, o deslocamento, a permanência e o consumo turístico.

Contudo, a leitura geográfica do espaço motiva a pensar que mesmo existindo o potencial do atrativo turística, ele não tem em si capacidade própria. Visto que a realização da atração turística é amparada e ampliada por uma série de políticas que vão construindo e tornando efetivo o potencial de tal atrativo/recurso turístico. Ou seja, o espaço turístico (composto pelo atrativo e potencial da vocação) é ativado mediante ações efetivas de diversos setores e agentes.

Quanto ao atrativo turístico, eles podem definir cidades inteiras que passam a ter sua dinâmica atrelada aquele ponto/atrativo, como um geossímbolo (Bonnemaison, 2002³). A exemplo da Torre Eiffel, em Paris; do Cristo Redentor, na capital do Rio de Janeiro; do

² Desde a década de 1960, o setor [turístico] tornou-se uma realidade no país, com o grande desenvolvimento da indústria automobilística e da malha rodoviária, fatores que levaram à ampliação das viagens internas por uma grande quantidade de pessoas. Os serviços turísticos no Brasil começaram a se estruturar e os turistas estrangeiros passaram a desembarcar no país em maior número, atraídos pela imagem de um lugar repleto de belas praias, boa música, futebol marcante e, principalmente, habitado por um povo extremamente hospitaleiro. Junto a este fator, deu-se um processo de expansão da aviação comercial, colocando o Brasil como um dos principais destinos do mundo, pela sua ampla conectividade aérea. Então foi criada a Embratur, em 18 de novembro de 1966, por meio do decreto-lei do presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, o qual também deu origem ao Conselho. No ano de 1991 a Embratur passa de empresa pública para autarquia, adquirindo a condição de instituto – com a denominação de Instituto Brasileiro de Turismo, vinculado à Secretaria de Desenvolvimento Regional da Presidência da República, tendo como missão formular, coordenar e executar a Política Nacional do Turismo. No ano seguinte, com a criação do Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, a Embratur é vinculada a este novo ministério com a missão de executar as ações da Política Nacional do Turismo. Com a criação do Ministério do Turismo, em 2003, a Embratur sofre um processo de reestruturação, deixando de traçar as políticas públicas para o setor e passando a ser responsável pela promoção, marketing e apoio à comercialização dos produtos, serviços e destinos brasileiros em todo mundo. Contudo, após os impactos catastróficos da pandemia da Covid-19 no setor do turismo, a agência redirecionou os seus esforços para o apoio ao turismo interno e divulgação dos destinos turísticos nacionais para os brasileiros, contribuindo para que o turismo interno seja uma das áreas alavancadoras da economia do país. Fonte: < <https://embratur.com.br/historia/>>.

³ De acordo com Bonnemaison (2002, p. 109), um geossímbolo pode ser definido “como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões políticas, religiosas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade”.

Santuário de Nossa Senhora de Aparecida, no interior de São Paulo (Mascarenhas, 2010).

O atrativo/recurso turístico natural ou cultural, amparado por um conjunto de estratégias e valores aos quais a prática da visitação é possibilitada, tornam-se forças capazes de reconfigurar fluxos com deslocamento de pessoas, mercadorias, informações e investimentos. Por essa razão, há uma construção social que muitas vezes apela para a imagem e imaginário (Dantas, 2009) do atrativo turístico.

As características físicas e culturais próprias de determinado lugar vão constituir o diferencial turístico que, poderão ser encarados como “vocação turística” quando direcionadas por políticas, investimentos e discursos que mirem o turismo, tais como: obras de infra-estrutura básica (estradas, saneamento, iluminação pública, placas de orientação), rede de hospedagem, alimentação e comércio, promoção de eventos e festividades, e divulgação contínua por diversos meios de comunicação e redes sociais que possibilitem estimular o deslocamento de turistas ao local. Por essa razão, as considerações de Mascarenhas (2010, p. 23) são importantes, ao destacar que:

Os atributos geográficos de um lugar (clima, relevo, hidrografia, espaço construído etc.) podem fazer dele um destino turístico em potencial. Todavia, tal é a dependência geográfica do turismo ao espaço de fluxos que mesmo lugares dotados de muitos recursos turísticos têm dificuldades de se turistificar, se não estiverem bem localizados, isto é, bem inseridos no espaço de fluxos.

De acordo com a citação acima, por espaços de fluxo entenda-se: conectado com uma rede de informações e investimentos capazes de impulsionar o setor turístico. Tanto que, ao chegar em determinado destino, o fluxo de turistas (re)modela a dinâmica espacial, consumindo serviços e produtos da cidade visitada que se (re)configura para receber cada vez mais e melhor os turistas, criando assim um fluxo entre demanda e oferta.

Acerca dessa realidade, há gradações na constituição do nível do potencial turístico dos lugares e, nesse cenário, as considerações feitas por Mascarenhas (2010, p. 24) são importantes ao enfatizar que:

uma cidade dotada de patrimônio histórico preservado tem potencial turístico. Se esta cidade oferecer também um clima agradável, seu potencial aumenta. Se ela dispuser de bons museus e outras atividades culturais, além de hospitalidade, seu potencial turístico será ainda maior. E se, além de todos estes recursos, ela estiver inserida numa região dotada de grandes belezas naturais, cachoeiras, praias selvagens etc., esta cidade será considerada de altíssimo potencial turístico.

A partir dessas ponderações, pode-se identificar o turismo como um grande sistema capaz de envolver subsistemas menores em seu contexto, a exemplo dos transportes, dos alojamentos, dos serviços de alimentação, dos centros de lazer/diversão, dos estabelecimentos

comerciais, dentre outros.

Corrêa e Souza (2009) mencionam que as políticas voltadas ao turismo quando bem elaboradas, seguidas de implantação e avaliação, “podem promover o desenvolvimento socioeconômico, inclusive constituindo-se como o principal motor econômico”, ressaltando a necessidade de ações norteadoras para o planejamento, crescimento e desenvolvimento da atividade de maneira sustentável.

Entretanto, diversas pesquisas que analisam as políticas públicas e privadas para o turismo no Brasil mencioam a ausência de planjemento, já que “surgem de maneira espontânea e de acordo com as necessidades imediatas da atividade”. As autoras entendem que o tema ainda é pouco explorado no meio acadêmico, “pois a preocupação de estabelecer políticas para o setor só aparece quando tal setor assume importância econômica ou quando começa a causar transtornos” (Corrêa; Souza, 2017, p.26).

Partindo do entendimento que a vocação turística é construída entre a potencialidade dos atrativos e a efetivação de políticas (muitas das quais sem o planejamento, gestão e avalaição necessários como comentado acima), destacou-se do levantamento bibliográfico realizado três artigos que ajudaram a refletir sobre a temática dessa monografia. Listamos tais artigos de forma sucinta abaixo no sentido de reforçar como a vocação turística vem sendo entendida em publicações da geografia:

I) “Análise da vocação turística: um desafio na região intermediária de Lages, Santa Catarina”, dos geógrafos Ladwig, Salvia, Victoria (2024) que focam no planejamento territorial e governança. O artigo faz inferências quanto a vocação turística de forma mais analítica e com caráter quantitativo na criação de dois índices (Índice de Estrutura Básica de Turismo (iEBT) e de Trabalho Ligado ao Turismo (iTLT), em 2010 e 2019). Ainda que os autores considerem as questões históricas no processo de criação de espaços turísticos, os autores trazem de forma bem segmentada o que é “natural/físico” do que é “humano/cosntruído/produzido” e consideram que a vocação turística existe em si, por exemplo quanto concluem que “Os resultados apontam que a região possui vocação turística, mas carece de políticas públicas, governança, serviços e equipamentos turísticos, assim como precisa aumentar a capacidade empresarial de investimento no setor turístico” (Ladwig, Salvia, Victoria, 2024, p.323).

II) “A construção de uma vocação turística para o município de Florianópolis” (Corrêa; Souza, 2017) já traz uma concepção mais próxima do que se entende nesta pesquisa, as autoras também são geógrafas e enfocam no artigo o processo de institucionalização da

atividade turística em Florianópolis, capital de Santa Catarina, a partir das suas origens nos anos de 1960 e detalham que: “Apesar de sua propalada vocação turística, essa atividade não surgiu naturalmente: foi implantada pelos dirigentes do poder público, que eram os próprios representantes da elite regional” (Corrêa; Souza, 2017, p.23).

II) “Construção da imagem turística de Fortaleza/Ceará” (Dantas, 2009), busca principalmente apreender os elementos motivadores da transformação de uma região não turística em uma região com “vocação” turística de semi-árido, para tanto o autor enfatiza o conceito de imaginário social construído em contraposição à imagem até então propalada associada à seca, sinônimo de miséria e fome. O geógrafo detalha ainda como essa vocação fora construída com a publicidade e propaganda política da elite local delineando uma imagem turística da capital cearense.

Entre outros trabalhos na geografia que abordam a vocação turística, escolheu-se mencionar esses três artigos por serem exemplares de como tal noção é trabalhada de forma distinta de acordo com a concepção adotada (se mais naturalizada, a priori, ou mais construída enquanto processo político e social articulado no espaço turístico).

Capítulo 2: SÃO JOSÉ DE RIBAMAR - SITUAÇÃO GEOGRÁFICA E PRÁTICAS TURÍSTICAS

Com uma área de 180,363 km² e população de 244.579 habitantes, o município de São José de Ribamar é o terceiro mais populoso do estado do Maranhão (IBGE, 2022). Situado no extremo leste da Ilha do Maranhão, é cercado pelo mar da Baía de São José, fazendo limites com o município de Paço do Lumiar e Oceano Atlântico, ao norte; com Rosário e Axixá, ao sul; Icatu, a leste e; a capital São Luís, a oeste. São José de Ribamar é ligada pelas rodovias estaduais MA 201, 202 e 203, que conectam respectivamente os municípios de São Luís, Paço do Lumiar e Raposa. Sua posição geográfica é determinada pela latitude 20°33’ Sul e longitude 44°44’ Oeste.

De acordo com Castro (2018, p.59): São José de Ribamar possui clima megatérmico com temperaturas que variam de 21° C a 34°C durante o ano inteiro, com variações sazonais de até 1° C apenas. “Apesar das altas temperaturas, o clima é agradável influenciado pelos ventos que vem do mar”, com temperatura média anual de 28° e “índices pluviométricos em torno de 1.900 milímetros anuais (Fonseca, 2013)”. A vegetação do município é marcada pela presença de apicuns e florestas secundárias mistas (com espécimes de embaúba, bacuri, tucum e babaçu); a vegetação de capoeira é caracterizada por arbustos, árvores e “palmeiras de

crescimento rápido e das espécies do tipo *Rizophora mangle* Leechman (mangue vermelho) e *Laguncularia racemosa* Gaertm (Mangue Branco) no ecossistema manguezal (Maranhão, 2002)”. A vegetação predominante é a de manguezais e a vegetação perenifólia, “além de palmeiras, babaquais, coco de praia, ariri, juçara e o buriti”.

Distante cerca de 32 km da capital maranhense, São José de Ribamar faz parte do primeiro núcleo que constitui a Região Metropolitana da Grande São Luís (Lei Complementar nº 038/1998), a qual atualmente conta com 13 municípios no total.

Inicialmente, o município de São José de Ribamar contava com aproximadamente 386,769 km², contudo com a emancipação do município Paço do Lumiar, em 1959, Ribamar perdeu 206,406 km² de seu território, além de, em 1885, ter tido parte de seu território incorporado ao município de São Luís, correspondente aos conjuntos residenciais Cohatrac I, II, III, IV e Parque Primavera (IMESC, 2020, p.92).

A atual configuração do município de São José de Ribamar está representado na Figura 1, a seguir

Figura 1: Mapa de localização do município de São José de Ribamar-MA



Fonte: Anjos (2024, p.39).

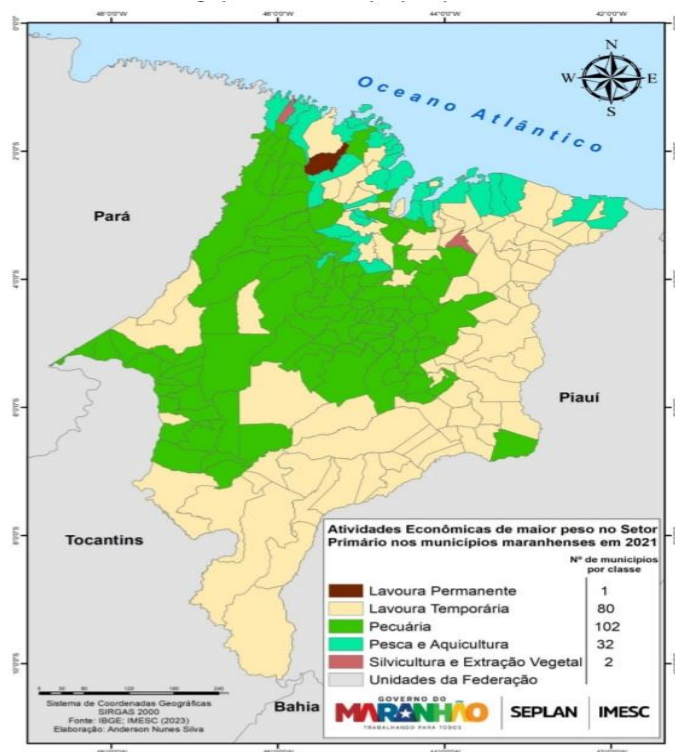
Os aspectos econômicos do município são importantes para caracterizar esse espaço

no cenário maranhense. Assim, apontamentos sobre sua conjuntura interna em relação a outros municípios do estado passam a ser um ponto de entendimento sobre a dinâmica econômica na escala local. O salário médio mensal dos trabalhadores formais equivale a 1,8 salários mínimos. Ou seja, a maior parte da população do município convive com menos de 2 salários para realizar suas atividades. O PIB Municipal, no ano de 2021, compreendia R\$ 2.293.966,00 e o PIB per capita girava em torno de R\$ 12.719,88 o que colocava São José de Ribamar na posição 552 entre os 217 municípios do estado do Maranhão (IBGE, 2024).

Referente a análise de dados entre 2012 e 2015, o “Sumário Executivo do Diagnóstico Participativo do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana da Grande São Luís – PDDI/RMGSL” (2020, p.42) afirma que “No caso de São José de Ribamar, o PIB cresceu cerca de 17,7% a.a. e sua população cresceu, aproximadamente, 1,34% a.a.”

Dados da publicação “PIB Municipal – Produto Interno Bruto dos Municípios do Estado do Maranhão”, organizada pelo IMESC (2021) retrata algumas atividades econômicas que se destacam em São José de Ribamar (FIGURA 2 e 3). Com base no mapa, destaca-se as atividades pesqueira e a aquicultura em São José de Ribamar, relacionadas ao setor primário da economia.

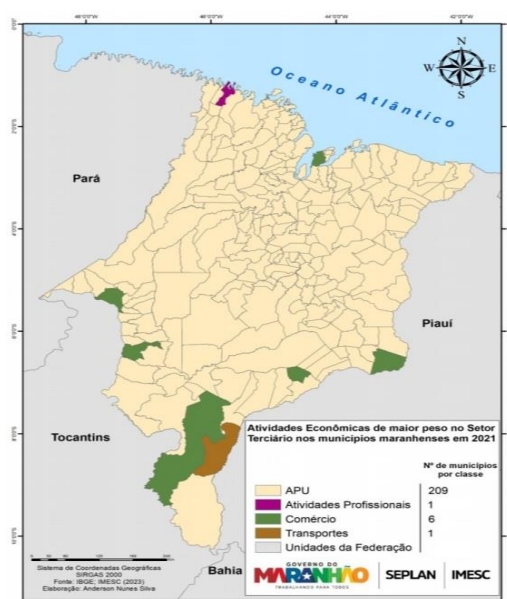
Figura 2: Atividades econômicas de maior peso no setor primário nos municípios maranhenses



Fonte: IMESC (2021)

Já quanto a atividade industrial, São José de Ribamar integra o conjunto de 76 municípios do estado em que o SIUP (Serviços Industriais de Utilidade Pública. Compreende distribuição de eletricidade e gás, água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação). Em relação ao quesito serviços, a realidade ribamarense ganha ênfase, caracterizando-se como um dos 10 maiores no estado do Maranhão. Essa atividade, ligada ao setor terciário da economia, se caracteriza com um grau elevado da atividade APU em São José de Ribamar, alocando o município na 4ª posição dos municípios do estado (Figura 3):

Figura 3: Atividades econômicas de maior peso no setor terciário nos municípios maranhenses



Fonte: IMESC (2021)

De acordo com Teixeira et al (2023, p.05), informações do Plano Plurianual (PPA 2022-2025) mais recente de São José de Ribamar apontam que a pesca, comércio e turismo religioso são basilares na economia do município. Os autores ainda recordam que a atividade pesqueira do primeiro setor ajuda a garantir sustento econômico e “traz consigo uma carga cultural significativa em torno do artesanato, fabricação de embarcações pequenas, relações entre compradores e pescadores etc.”. O que também acaba por ser um diferencial e fortalecer as práticas turísticas no setor terciário, com uma paisagem atrativa ao turista para presenciar as atividades locais, a gastronomia e passeios náuticos.

2.1 O mito fundador de São José de Ribamar

São José de Ribamar nasce de uma lenda: uma caravela vinda de Portugal para o

Maranhão, ao entrar na baía de Guaxenduba, desviou-se de sua rota e quase naufragou devido aos bancos de areia e de uma grande tempestade que se formava. A situação apavorou os tripulantes, deixando-os aflitos em alto-mar. Diante de tanto desespero, o capitão português fez uma prece clamando por São José para que os livrasse da tormenta. Logo em seguida, uma forte onda abateu a embarcação, fazendo-a encalhar sobre uma croa. Em sinal de agradecimento pela graça alcançada, o capitão mandou esculpir em terras lusitanas a imagem sacra de São José e trouxe ao vilarejo onde construiu uma ermida de frente para o mar (Ribeiro, 2019) afim de ser cultuado pelos moradores locais da época, os índios Gamela. Entre as características do santo esculpido em Portugal está o uso de botas, com vestimenta típica de navegantes portugueses e segura o menino Jesus pelo braço (FIGURA 4).

Figura 4: Imagem de São José de Ribamar



Fonte: Ribamar Carvalho (2019 apud Brussio; Souza; Santos; Ferreira, 2022, p.170).

Os habitantes originários daquela região onde fora construída a ermida são os indígenas Tupinambás (popularmente conhecidos na região como índios Grandes ou Gamelas) (IMESC, 2021) que foram assimilados por missionários com a chegada dos portugueses deslocados para aquele espaço para apreensão das dinâmicas e dos elementos presentes. Todavia, como vai se observar posteriormente, os interesses portugueses estavam além de uma mera aproximação com o indígena, buscava-se uma apropriação e tomada de seus territórios com o intuito de satisfazer seus interesses próprios.

As visitas missionárias possibilitaram o contato entre essas diferentes culturas e, num primeiro momento, deu-se a visita às aldeias locais. Um ponto de destaque na paisagem era a aldeia de Jurupã (hoje denominada São José dos Índios) que se destacava

por seu tamanho entre as demais e, ali os religiosos passaram a atuar, realizando missas próximo a uma enorme cruz de madeira (IMESC, 2021). Esses contatos se desdobrariam em cobiças por áreas e bens, onde os lusitanos visavam usufruir das riquezas ali presentes.

Miranda (2009), afirma que desde o início os indígenas de origem Gamela se apegaram a imagem de São José de Ribamar, sendo comum estarem em volta da imagem diariamente. Como forma de destaque e reverência ao santo, buscaram fixá-lo em um ponto alto para que fique bem visível, a exemplo de grandes pedras e ao ser colocado sobre tais, pronunciavam “in riba”, “in riba”. Assim termo Ribamar provém dessa noção de acima ou arriba do mar.

Brussio, Souza, Santos e Ferreira (2022, p. 170), comentam que sem que ninguém percebesse, os moradores de Anindiba dos Indígenas, hoje município de Paço do Lumiar, levaram a imagem para a igreja do povoado”. Porém, ao amanhecer repararam que a imagem de São José voltara misteriosamente à sua capela de origem. Os moradores de Anindiba levaram a imagem para sua igreja novamente e colocaram pessoas para fazer vigília. “Mas, São José revestido de poder sagrado, depois de ter transformado seu cajado em luzeiro, desceu de Anindiba para a capela de Ribamar, protegido por santos e anjos”.

Por fim, percebeu-se que o santo queria ficar em sua morada, na capela construída de frente para o mar. Além desse fato, existem outros que corroboram com a mística sobre o turismo religioso, como a construção da ermida que após, ser construída por três vezes de costa para a baía de São José, desmoronou em toda as vezes. Somente quando a construção da igreja, então, foi realizada de frente para a baía, logrou êxito. Esse fato da credence popular envolta pela narrativa mítica marca o contexto da cidade em sua formação socioespacial, por volta da primeira metade do século XVII e constitui alguns dos indícios originários da vocação turística religiosa em São José de Ribamar que perdura atualmente.

Quando os religiosos franciscanos chegaram a localidade, por volta de 1624, para suas missões evangelizadoras já encontraram o santo rodeado pelos indígenas (Reis, 2001). O padre José de Moraes destaca em seus escritos: “[...] São José [era] a única entre as 27 grandes e populosas aldeias encontradas pelos franceses em Maranhão, as quais contavam cerca de 12.000 almas, que ainda conservam umas pequenas relíquias” (Pestana, 1923, p. 13).

Em 1624, o governador Francisco Coelho de Carvalho determinou a colonização das terras de São José de Ribamar através da carta régia do rei da Espanha D. Felipe IV, sendo empossado de passar cartas de datas e sesmarias. A posse dos terrenos ficou a cargo dos religiosos jesuítas, sendo tombadas e demarcadas em 1627. No dia 27 de dezembro de 1627 nascia o Arraial de São José (Miranda, 2023).

Conquistada a elevação do Arraial para categoria de Vila, a vida política da mesma

começou a se desenvolver no início de julho de 1757 quando por meio de alvará o governador Gonçalo Pereira Lobato Souza, depois de devolver a liberdade dos índios foram erguidas as primeiras casas no final do século XIX.

Não obstante isso, não tendo os indígenas terras próprias para suas culturas, entendeu o governador que era necessário conceder qualquer terreno, embora fosse dos padres da Companhia ou de outras pessoas sem embargo dos títulos que tivessem e tudo isso em execução da real ordem de sua majestade, de 16 de junho de 1755 [...] Para este fim, pediu que João Ferreira Andiroba, Theodoro Amado Annes, Theodozio da Silva e Francisco Xavier Correia, marcassem terras quanto suficiente, não só para subsistência dos indígenas, como também para a de cem casais que pretendia introduzir neste local. Estes foram mais longe do que lhes foi pedido, pois marcaram terras para 200 casais, durante um século (IMESC, 2021, p. 42).

Com base no que foi exposto, vê-se o processo de posse das áreas aos indígenas que, de forma gradual e sem qualquer tipo de acordo tiveram suas terras tomadas pelos colonizadores portugueses. A ação do governador da época exprime a demarcação de terras não apenas aos antigos habitantes da área, mas também para a apreensão de novos moradores.

Anos mais tarde, em 1839 houve a chegada dos balaies no lugar, encontrando ouro, prata e joias alocadas na igreja do santo (que já passara a ser venerado por pessoas de boas condições financeiras na época). Em 1896, existiam menos de 20 casas de telha e algumas de palha em torno da igreja. Embora a cidade progredisse de forma lenta, nesse ano já era possível perceber a construção de uma rampa de acesso a área central da cidade e um novo poço para abastecimento do lugar. Essas iniciativas foram empreendidas por uma comissão que se encarregava de “[...] promover as festividades e gerir os bens do padroeiro [...]” (Pestana, 1923, p. 15). A equipe era formada por: formada pelos professores Antônio José da Silva Barreiros e Antônio José Alves e do negociante Carlos Ferreira Coelho.

Com o crescimento da vila, José Cunha Santos Guimarães com bastante esforço junto ao Governo Estadual conseguiu desvincular a Vila São José da Vila do Paço. A 6 de dezembro de 1938, pelo Decreto-Lei Estadual nº 159, a Vila São José passou para distrito de São José. Sucessivos atos e leis alteraram o início da vida política de São José de Ribamar. Através do Decreto-Lei Estadual nº 820, de 30 de dezembro de 1943, foi criado o município de Ribamar com um único distrito [...] promulgada a 28 de julho de 1947, na interventoria do Dr. Paulo Souza Ramos, foi extinto o município de Ribamar, cuja área passou a pertencer ao município de São Luís (IMESC, 2021, p. 43).

Pela lei estadual nº. 758, de 24 de setembro de 1952, assinada pelo governador Eugênio de Barros, o município passou a se chamar Ribamar. A restauração definitiva do nome do município foi realizada na lei estadual nº 2.980, de 16 de setembro de 1969, que a partir de então passou a ser São José de Ribamar, em homenagem ao santo milagroso e as águas que banham o litoral.

2.2 O turismo e vocação turística no Plano Diretor da Cidade de São José de Ribamar

O Plano Diretor é um instrumento estratégico elaborado para definir as prioridades da cidade voltado para ações dos agentes públicos e privados, determinando a divisão de áreas, crescimento territorial e preservação de recursos.

Nesse instrumento básico de desenvolvimento do município, está inserida a Política de Desenvolvimento Turístico como um dos pontos para o desenvolvimento econômico local. O turismo aparece diversas vezes ao longo do documento como sendo uma das diretrizes necessárias e a “vocação local”, como consta no Plano deve ser considerada na articulação de setores e agentes públicos e privados.

Teixeira et al (2023) destaca no artigo “O papel do plano diretor da cidade de São José de Ribamar (MA) na preservação cidadã e sustentável do seu patrimônio cultural, material e imaterial”, que o Plano Diretor de São José de Ribamar ultrapassou o tempo previsto pelo o Estatuto da Cidade (Lei Federal nº 10.257/2001, no § 3º do seu artigo 30, determina que “[...] pelo menos, a cada 10 (dez) anos, os planos diretores devem ser revistos” .

O município de São José de Ribamar teve o seu Plano Diretor aprovado pela Lei Municipal nº 645, em 2006, passando por atualização, por força de lei e pelas mudanças que a cidade atravessou desde a sua implementação, como consta no site da Prefeitura (Teixeira et al, 2023).

O Plano Diretor (2006) considera como política de desenvolvimento “o conjunto de objetivos e diretrizes governamentais relativas à distribuição da população e das atividades urbanas e rurais no território, tendo em vista o ordenamento integrado das funções econômicas e sociais de preservação ambiental e o bem-estar da população do Município”. São considerados como objetivos do Plano Diretor de São José de Ribamar:

I - a melhoria da qualidade de vida e o bem-estar da população; VI - a promoção da preservação, da conservação e da recuperação do ambiente natural, com priorização para as nascentes e/ou olho d'água, mangues, restingas, dunas, mananciais e fundo de vales (incluindo matas ciliares), rios perenes e intermitentes, cursos d'água, **praias** e encostas com declividade superior a 45°, localizados no território municipal; VII – a **sustentabilidade financeira e socioambiental** da política territorial, urbana e rural; VIII - **estimular a participação popular** e o controle social; IX - o estímulo ao **desenvolvimento econômico, ao empreendedorismo e a geração de emprego e renda [...]**

Os elementos grifados acima permitem inferir que os recursos naturais são enfatizados e sua conservação e preservação acenam para a melhoria da qualidade ambiental e social. Essas ponderações permitem também realçar o valor da cultura local, primando por sua

preservação e manutenção, haja vista que os traços culturais do povo também se configuram um aspecto atrativo para as visitas. Nesse sentido, depreende-se que os aspectos culturais podem ser basilares no rol de vocações da localidade e, no caso ribamarense, se torna um expoente que é capaz de dinamizar um fluxo considerável de visitantes ao longo do ano. Nesse quesito, deve-se priorizar a sustentabilidade das atividades e dos recursos culturais (e também naturais) de modo a garantir sua sustentabilidade.

Pode se juntar a esse debate, as ponderações feitas pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado do Turismo (Setur), considerando os Polos Turísticos da região. Dos 217 municípios que compõem o estado, somente 58 estão destacados em polos de atividades turísticas, divididos nos seguintes polos: Chapada das Mesas, Serra Guajajara Timbiras e Kanela, Cocais, Lagoas e Campos Floridos, Munin, Delta das Américas, Lençóis Maranhenses, Floresta dos Guarás, Amazônia Maranhense e São Luís. Em tal documento, o município de São José de Ribamar integra o Polo São Luís, juntamente com Paço do Lumiar, Raposa, Alcânta e a própria capital do estado.

Sobre esse polo específico, a Secretaria de Estado do Turismo assim sintetiza:

Aqui estão as principais cidades históricas coloniais: São Luís e Alcântara, e também as mais importantes expressões das manifestações da cultura popular maranhense, como o bumba-meu-boi e seus diferentes sotaques, o tambor de crioula, o tambor de mina, a dança do cacuriá, a Festa do Divino e a Festa de São José de Ribamar (Maranhão, 2024, p. 1).

Os elementos culturais e naturais da cidade ribamarense são enfatizados também pelo Observatório do Turismo do Maranhão (projeto elaborado em referência ao planejamento estratégico de turismo do Maranhão) como expressivos, declarando que: “São José de Ribamar é uma cidade santuário conhecida pela sua fé e devoção; bem como por seus atrativos naturais que formam o balneário” (Maranhão, 2024, p. 1). Assim, embora o documento seja bem sintético sobre os aspectos da cidade, ele expressa a força de atração turística que o município pode propiciar a partir de seus elementos naturais e religioso.

Em se tratando do Plano Diretor Municipal, variadas vezes é citado a diretriz de um território municipal sustentável que preze pela qualidade de vida dos munícipes, favorecendo dignidade aos cidadãos, em atividades já desenvolvidas e outras que diversifiquem a matriz de desenvolvimento.

O Art. 22 é bem expressivo ao considerar o uso e a ocupação dos solos urbano e rural mediante políticas setoriais que priorizem, entre outros aspectos, os valores ambientais e sociais presentes no município, além de enfatizar a diversidade cultural local que se exprime pelos diversos modos de viver. Nesse contexto, o município pode ser alvo de transformações

urbanísticas a partir de um trabalho conjunto, envolvendo o Poder Público Municipal, moradores, proprietários, usuários permanentes e investidores privados com vistas a uma valorização ambiental e melhorias sociais. Essas intervenções devem ser planejadas previamente e denotar o grau de impacto que trará e como os benefícios são articulados. Assim, é necessário se fazer um Estudo de Impacto de Vizinhança, sendo “[...] um procedimento que antecede a implantação de um empreendimento, podendo, diante de suas características e especificidades, **impactar sua vizinhança, afetando a qualidade de vida da população residente ou usuária na área ou nas proximidades**” (Art. 45).

Do quatro capítulos destacados no Plano Diretor, o capítulo 4, Seção VI, é o o que condensa as diretrizes acerca do turismo e menciona algumas vezes vocação local. No Art. 54 “As Políticas de Abastecimento, de Produção, de Desenvolvimento Rural e de Desenvolvimento Turístico”, o Plano Diretor aponta que deverão ser promovidas tais políticas com adoção do princípio do desenvolvimento sustentável, de forma que garanta a qualidade de vida da população atual e das futuras gerações, baseando-se nos seguintes fundamentos: “I - vocações locais; II - gestão adequada dos recursos do Município; III - equilíbrio ambiental; IV - viabilidade econômica; V - diversidade cultural; VI - gestão democrática”.

Do qual o Plano Diretor não menciona quais são exatamente essas vocações locais - primeiro dos seis fundamentos a balizar as políticas em questão, apesar de citar o termo vocação outras vezes ao longo do documento.

As Políticas de Abastecimento, de Produção, de Desenvolvimento Rural e de Política de Desenvolvimento Turístico serão desenvolvidas com a criação e implementação do Plano de Ações Estratégicas. A elaboração desse documento direcionada ao planejamento estratégico do setor - Plano Municipal de Turismo - está vinculado às diretrizes da Política Nacional de Turismo que datam do ano de 2008, mas o qual o município de São José de Ribamar ainda não construiu e divulgou. Nessa proposição futura que o Plano Diretor detalha acerca da construção do Plano Municipal de Turismo, o Art. 59 enumera que será necessário:

- I - elaborar o Plano Municipal de Turismo objetivando o estímulo e fortalecimento de iniciativas voltadas a indústria do turismo;
- II - estimular e melhorar a cadeia produtiva do turismo com qualificação dos produtos e serviços turísticos de excelência, competitivos e **com maior valor agregado**, em especial os relacionados e voltados para o **turismo de lazer e religioso**;
- III - melhorar a infraestrutura turística de forma integrada;
- IV - **fortalecer e valorizar a identidade ribamarense por meio da indústria criativa de festivais culturais, esporte náutico, roteiro de aventura, turismo religioso e gastronômico**, dentre outros;
- V - garantir o turismo sustentável com geração de emprego e renda, preservação dos recursos naturais e da paisagem;

VI - garantir a divulgação permanente, em parcerias público e privada, com acesso às informações e aos dados turísticos.

Essa síntese de ações que precisam ser perseguidas no trato turístico da localidade exprime um esforço conjunto entre o Poder Público Municipal, população e órgãos privados num movimento de parcerias que visem dinamizar ainda mais a atividade turística no município. O turismo de lazer e religioso consta no texto com ênfase de prioridade. Um dos pontos atenta exatamente para melhorar a infraestrutura turística de forma integrada e outro para garantir a estratégia de divulgação aos dados turísticos de São José de Ribamar.

Quanto ao turismo litorâneo, as diretrizes aparecem concentradas na Seção VII “Da Agenda Ambiental”. Nesta seção, o Plano Diretor também menciona por diversas vezes o turismo ecológico tanto litoral quanto na área rural como consta na figura 5 abaixo:

Figura 5: Localidades, prioridade ambiental e ações recomendadas para São José de Ribamar

Localidades, Regiões e Recursos Naturais	Prioridade Ambiental	Ações Recomendadas
Áreas voltadas para a Baía de São José, Pontas Vermelha, Verde e de Panaquatira, Praias do Banho, Boa Viagem, Juçatuba, Guarapiranga, Panaquatira, Kaúra.	Turismo ecológico, esportes náuticos, pesca, turismo de lazer, transporte, preservação da fauna.	Estruturar ancoradouros em Boa Viagem e Kaúra.
		Analisar a viabilidade de uma marina na sede para integração do transporte pluvial;
		Promoção do esporte náutico, compatível às condições geoambientais locais com calendário esportivo e cultural;
		Disciplinamento das atividades comerciais e serviços nas orlas marítimas.
Povoado de São Paulo – Zona Rural de Bom Jardim / Juçatuba	Preservação de áreas naturais, com pouca ou nenhuma interferência humana e com qualidade natural e/ou paisagem.	Criação de APA ou Unidades de Conservação ou Parques Municipais.
	Turismo ecológico e rural	Incentivar o turismo rural e ecoturismo;
	Produção – hortifrutigranjeiros e beneficiamento, agricultura familiar, piscicultura, apicultura, ranicultura e equinocultura, dentre outras.	Incentivar a agricultura e o beneficiamento da produção, inclusive em escala doméstica e/ou familiar
Rios Antônio Esteves, Jaguarema, Jeniparana, Jenipapeiros, Santo Antônio, São Joaquim, São João, São Paulo, Paciência, Prata, Tajipurú, Tijupá e Urucutua,	Preservação do leito e das margens. Preservação e recuperação ambiental e exploração sustentável dos recursos hídricos superficiais e subterrâneas.	Disciplinamento para coibir ocupações nas margens dos corpos d'água;
		Recuperação das matas ciliares e estudar a implantação de parques lineares;
Rio Jeniparana. Recursos hídricos minerais. Águas subterrâneas.	Preservação dos recursos hídricos, superficiais, subterrâneas e nascentes;	Criação de APA na região do Rio Jeniparana;
	Turismo ecológico e rural;	Manter alta permeabilidade e baixa densidade;
		Regular a exploração dos recursos hídricos e/ou exploração de água.
Localidades, Regiões e Recursos Naturais	Prioridade Ambiental	Ações Recomendadas
Zona Rural e Zona de Amortecimento	Preservação de fauna, flora e da paisagem	Preservação dos recursos naturais, mantendo alta permeabilidade e baixa densidade;
	Turismo ecológico e rural	Incentivar o turismo rural e ecoturismo;
	Produção – hortifrutigranjeiros e beneficiamento, agricultura familiar, piscicultura, apicultura, ranicultura e equinocultura, dentre outras.	Incentivar a agricultura e o beneficiamento da produção, inclusive em escala doméstica e/ou familiar

Fonte: Plano Diretor (2006, p.48-49)

As regiões destacadas no quadro compõem áreas de proteção e preservação ambiental, de acordo com o Plano Diretor, sendo compostas por faixas de praia. De modo geral, o enfoque nessas áreas objetiva protegendo a diversidade biológica com vistas a garantir a sustentabilidade do uso dos recursos naturais e, em certa medida, primar pela qualidade de vida e preservação da cultura local.

Das áreas acima, destaca-se nessa monografia o interesse, sobretudo, nas áreas de praia com prioridade ambiental de turismo ecológico, esportes náuticos e turismo de lazer, além de pesca e preservação da fauna. As ações recomendadas são de estruturar ancoradoura, analisar a viabilidade de um marina, promoção de esportes nauticos compatível com um calendário esportivo e cultural, organização das atividades de comércio e serviço nas orlas.

Nesse sentido, os aspectos naturais e culturais estão interligados e potencializam a construção e consolidação da vocação turística local. De acordo o Plano Diretor, deve-se priorizar a sustentabilidade das atividades e dos recursos culturais (e também naturais) de modo a garantir sua manutenção, tornando-se um elemento atrativo, pois o próprio Plano ressalta como um de seus objetivos: “IV - **incentivar a preservação dos recursos naturais e culturais** do Município, buscando a **melhoria da qualidade ambiental** por meio do controle da **utilização dos recursos naturais**, do uso e da ocupação do solo, da recuperação de áreas deterioradas e de **patrimônio cultural, natural** e paisagístico” em vistas do desenvolvimento do município.

2.3 Turismo ecológico litorâneo em São José de Ribamar

A formação socioespacial de São José de Ribamar está atrelado ao litoral, como no mito fundador descrito mais acima e na vivência dos moradores em atividades ligadas à Baía de São José, como a pesca artesanal de peixes e mariscos, tanto para subsistência, quanto para comercialização. A paisagem litorânea participa da identidade de Ribamar e confere grande dinamicidade ao município.

A zona costeira possui diversos ecossistemas – mangues, recifes de corais, restingas, dunas, praias que constituem paisagens turísticas de grande atratividade. Tais espaços diferenciados na interação entre ar, o mar e a terra, contemplam faixas terrestres e marítimas com diversas práticas envolvidas.

As praias, em especial, são paisagens comumente associadas a construção da vocação turística no Brasil, em geral, e no nordeste brasileiro, em particular. A necessidade de um

turismo sustentável nesses ambientes deve primar por seus serviços ecossistêmicos, como proteção da linha de costa contra eventos extremos, alimentação, fonte de renda e berçário para biodiversidade. Daí a importância nas análises e estudos sobre esse espaço turístico de forma a inferir os impactos causados, necessidades de políticas mais adequadas e percepções da prática turística, seja pelo morador local ou pelo turista.

A diversidade de atributos conjugados faz com que as praias sofram impactos severos, no anseio da busca pelo desenvolvimento imediatista a qualquer custo. A privatização das praias e turistificação dessa paisagem também tem sido um debate fervoroso atualmente, visto que beneficia uma elite em detrimento dos usos e costumes tradicionais da população. De modo geral, entre os ecossistemas da zona costeira listados acima, as praias são as mais afetadas pelo turismo predatório e falta de políticas urbanas adequadas como tratamento de esgoto e coleta de lixo.

A paisagem litorânea que compreende as praias, entre a faixa terrestre e a faixa marítima, envolve um largo conjunto de usos voltados ao lazer, fonte de alimento e renda, práticas esportivas, manifestações religiosas e área de porto e escoamento de produção, para citar alguns.

O enfoque dado ao litoral sintetiza sua importância na história, cultura e economia local (regional e nacional), estando atrelado a um conjunto de signos e representações do imaginário e da vida prática cotidiana dos cidadãos. A baía de São José, em São José de Ribamar, como elemento da identidade, memória, religiosidade e renda, articula em uma paisagem muitas dinâmicas, usos e significados.

Figura 6: Práticas econômicas e religiosas na Baía de São José

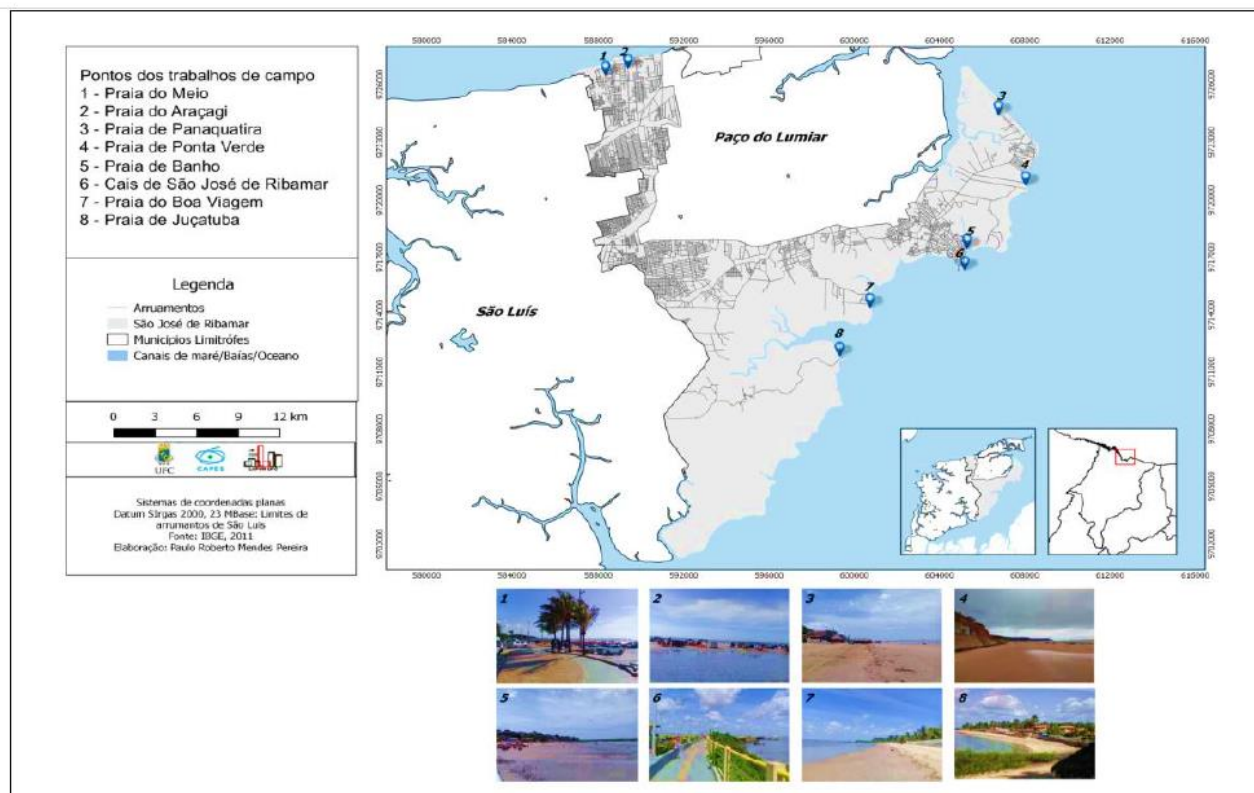


Fonte: Lisboa (2016).

Castro et al (2018), em “Práticas marítimas modernas no município de São José de Ribamar/MA: ações e transformações que impulsionam o turismo local”, produziram o

seguinte mapa acerca das praias que realizaram trabalho de campo para desenvolvimento da pesquisa. No mapa abaixo, evidencia-se o extenso litoral ribamarense descontínuo com praias a noroeste como Praia do Meio (1) e Praia do Araçagi (2) e praias a leste, como Praia de Panaquatira (3) e Ponta Verde (4), e a sudeste, como Praia do Banho (5), Cais (6), Praia de Boa Viagem (7) e de Juçatuba (8).

Figura 7: Localização das praias de São José de Ribamar/MA



Fonte: Castro et al (2018, p.227).

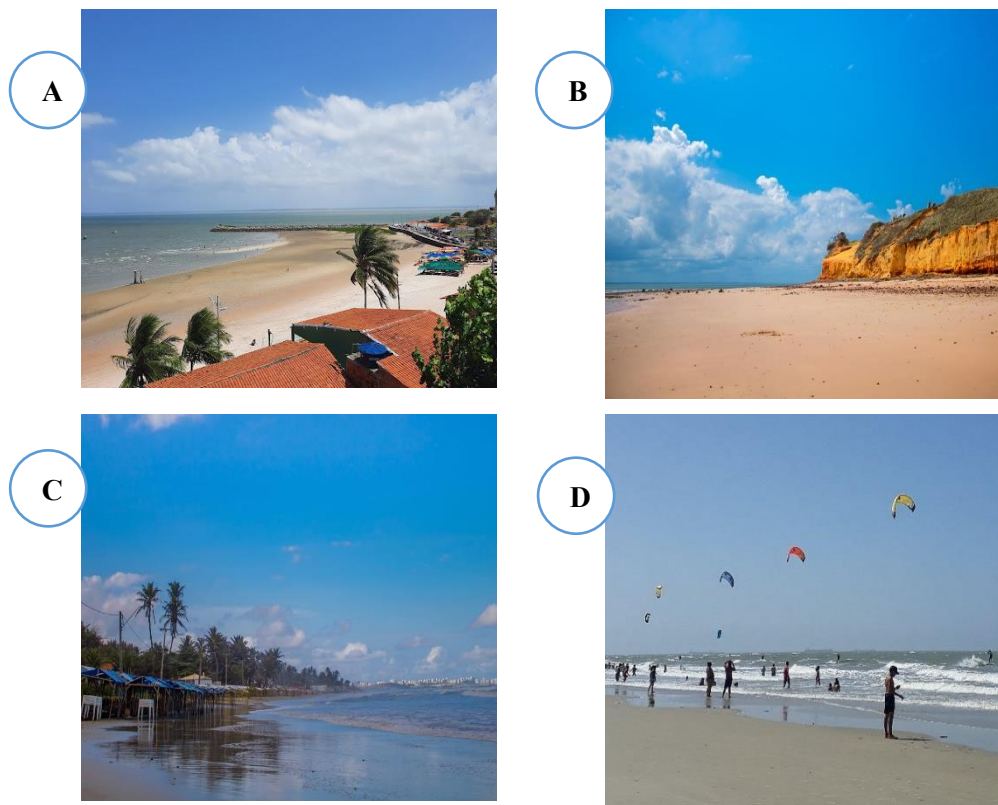
Algumas praias de São José de Ribamar são ideais para a realização de camping, por serem áreas menos povoadas e menor movimento de pessoas no cotidiano, como as praias de Juçatuba e Boa Viagem, consideradas semidesertas devido ao seu difícil acesso. Já as praias do Caúra e Ponta Verde que são praias formadas por falésias, propícias para esportes náuticos e com casas de veraneio, disponibilizadas para aluguel (Castro et al, 2018).

Grandes eventos também acontecem na orla da Praia de Banho, dentre eles o Carnaval “Lava Pratos”, que é o carnaval fora de época da cidade e o Lava Bois. A Praia de Banho recebe uma grande quantidade de turistas nesse período e sua reestruturação em sucessivas obras foi pensada como forma de receber o turismo de massa que frequenta todos os anos esse calendário festivo em Ribamar (Castro et al, 2018, p.228).

No campo do turismo ecológico litorâneo, as praias situadas na área central (Praia de

Banho – A) e na sede do município (Praia de Panaquatira - B) se destacam na procura turística pela paisagem. A Praia do Meio (C) e do Araçagy (D), também atraem turistas e moradores da capital devido a boa balneabilidade de suas águas.

Figura 8: Mosaico com algumas praias de São José de Ribamar



Fonte: organizado pelo autor, adaptado do site maranhaodeencantos (2024).

As Praias de Banho e de Panaquatira tem balneabilidade atestada como própria para o banho, atendendo aos critérios de boa qualidade de água (SEMA, 2024). Praias do Meio e Araçagy são praias mais movimentadas e dispõem de infraestruturas modernizadas recentemente, com a instalação bares, restaurantes e lojas nas orlas. Ano após anos, vê-se uma maior dinamização dos serviços oferecidos, como restaurantes de gastronomia local que servem peixe-pedra⁴, considerado o prato típico de São José de Ribamar.

⁴ “O Festival do Peixe-Pedra [foi criado] em 1977, na tentativa de atrair turistas e movimentar a economia local, conforme os relatos históricos. O evento era organizado pela Prefeitura Municipal, com o apoio da Colônia de Pescadores e Associação dos Barqueiros, a programação cultural era desenvolvida nas dependências do Parque Municipal Folclórico Therezinha Jansen, situado na orla marítima da cidade, onde também eram instaladas dezenas de barracas, nas quais os visitantes podiam apreciar as diversas formas de consumir o peixe-pedra. O Festival do Peixe-Pedra contava com uma programação cultural, gastronômica e esportiva, com a tradicional regata marítima, cujos navegadores partiram da praia de Guarapiranga em direção à praia de Banho, na sede do município, em uma competição da pesca do maior peixe-pedra, assim como o Circuito Maranhense de Vôlei de Praia, com jogos entre duplas com premiação para as melhores colocações das competições, além de shows e

A prática de esportes na praia é mais comum por parte dos moradores que diariamente praticam atividades físicas como o futebol de areia. Certa época do ano, é realizado o Festival de Pipas na Praia de Banho, que atrai muitos jovens moradores. Já na orla marítima, espigão e cais, moradores realizam caminhadas, corridas e pedaladas de bicicleta. Essas atividades se concentram, sobretudo, no período matutino (entre 6 horas e 8 horas) e no início da noite (a partir das 18h, momento de maior movimentação de pedestres e ciclistas locais).

Figura 9 - Descarregamento de pescados na Praia do Barbosa



Fonte: Autor (2024)

Figura 10 - Culinária ribamareense: prato típico Peixe- Pedra



Fonte: Autor (2024)

A partir da experiência do campo com a intenção de compreender melhor as transformações da paisagem como modo de consolidar a vocação turística de Ribamar, destacar-se-á na sequência algumas das transformações da paisagem que efetivamente foram impulsionadas e impulsionaram a prática do turismo litorâneo especialmente na região central da cidade onde está localizada a Praia de Banho e na Praia de Panaquatira, cerca de 10 km distante da área central.

As duas áreas citadas passaram por alterações significativas, sendo alvo de reformas e construções de grande envergadura ao longo dos últimos anos. O Poder Público Municipal tem atuado diretamente nessas localidades com base no melhoramento das vias, com a presença de agentes de trânsito nas dependências dessas áreas, por exemplo.

Dentre as duas praias em questão, a que atrai maiores investimentos é a Praia de Banho que está bem próxima ao Complexo religioso do município, distante cerca de poucos metros. A iluminação da orla marítima passou por melhorias e ampliação contando com a presença de refletores nos postes. Além disso, foi construído um tablado de madeira à frente

atrações culturais. Segundo Conceição (2008), na década de 1990, sua realização foi interrompida, sendo retomada somente em 2005 e chegando em 2011 com a sua 21ª edição. Porém, nos últimos três anos, segundo a SEMTUC – Secretaria Municipal de Turismo e Cultura, o festival deixou de acontecer, por desacordos entre os organizadores e hoje está sendo reformulado para atrair maior número de turistas” (Castro et al, 2018, p.234-235).

dos bares da orla, embelezando a paisagem e tornando um espaço mais atrativo e seguro aos visitantes e moradores locais que intensificam a presença nessa área, sobretudo aos fins de semana.

Figura 11 – Inserção de tablado em frente aos bares da Praia de Banho



Fonte: O próprio autor, 2024.

Figura 12 – Vista da antiga Praia de Banho de São José de Ribamar (anos 1990)



Fonte: IBGE Cidades (2024)

A figura 12 reforça a ideia do lazer na faixa de areia e de mar. Não se nota tantas residências ao redor da Praia de Banho em 1990, como é tão marcante em 2024. A figura 11, por sua vez, expressa maior interferência humana a partir das construções realizadas nessa parte central da praia. Vê-se um conjunto de residências disputando o espaço com pousadas e restaurantes e uma área verde menor que em tempos passados. Também não se percebe grande quantidade de rochas ou vegetação rasteira nessa área da Praia como nos idos de 1990.

Uma paisagem que também sofreu substncial transformação foi da área do cais da cidade, no anos de 2017, que passou a contar com uma ciclovía, área de jardinagem e de passeio, além da instalação de quiosques de lanchonetes. A paisagem do cais atrai pessoas para contemplar as embarcações atracadas e também os diversos pescadores que praticam a pesca artesanal na área.

Figura 13 – Revitalização do Cais de São José de Ribamar inaugurado em 2017



Fonte: Prefeitura de São José de Ribamar (2021)

Figura 14 – Antigo Cais da cidade até 2017



Fonte: O imparcial, 2015.

Figura 15 – Cais do Porto na década de 1990



Fonte: IBGE Cidades, 2024.

As três fotografias acima permitem vislumbrar alguns aspectos que sofreram transformação na paisagem litorânea da área central de Ribamar. A Figura 15 denota poucas construções humanas, paredões rochosos e larga faixa de areia; ao fundo um pequeno coreto (possivelmente para acomodar os passageiros de outras cidades que eram transportados Baía de São José). A figura 14 é de uma reportagem de jornal que mostra a deterioração do parapeito de concreto e aço do Cais e muitos buracos no caminho de passeio, o que provocava sérios riscos à circulação de pessoas na área. Essa situação perdurou até os anos 2017 quando da revitalização do cais.

À época da inauguração, a Prefeitura Municipal de São José de Ribamar (2017) utilizou o site eletrônico oficial para comunicar:

São quase cinco mil metros quadrados de área construída que incluem, além da construção de ponte e píer adequado às embarcações que utilizam o local, atendendo assim a demanda pesqueira, o espaço também recebeu a instalação de um novo sistema de iluminação, com lâmpadas led e projetores, e pavimentação de toda a extensão. O novo Cais também recebeu área de passeio público com praça, arborização, ciclovias, dois pequenos mirantes, dois quiosques, banheiros com acessibilidade, pavimento tátil que auxilia a locomoção de pessoas com deficiência visual, rota acessível com sinalização entre a entrada do parque e o cais, demarcação de espaços para pessoas com deficiência e idosos além de rampas de acesso para cadeirantes, e academia ao ar livre que recebe centenas de pessoas para práticas esportivas e aula de zumba gratuita. O local, conta ainda com posto policial e uma estação de tratamento de esgoto e de drenagem pluvial. O objetivo é atender as pequenas embarcações da região e ao mesmo tempo fomentar o turismo local.

O resultado da revitalização do cais expresso na figura 13 e no trecho acima descrito foi um projeto modernizador, contrastante as figuras anteriores desse local em outros anos. A setorização de áreas de lazer, projeto de jardinagem, fixação de quiosques, cabine na entrada, ciclovia, parapeitos laterais novos e iluminação são os grandes diferenciais. Realmente tornou a área mais atrativa, segura e valorizada. Diariamente, os moradores usufruem dessa paisagem para atividades como caminhadas e pesca. Além da presença de turistas aos finais de semana ou períodos festivos.

Figura 16 – Morador da cidade pescando “à linha” nas dependências do Cais



Fonte: autor (2024).

Figura 17 – A nova orla marítima de São José de Ribamar, após reforma



Fonte: autor (2024).

A Avenida Beira Mar passou por reformas recentemente, favorecendo melhor circulação de veículos e pedestres. Ao longo da avenida é possível perceber reformas pontuais no calçadão da orla e a construção de uma praça com fixação de cabine para salva-vidas e Defesa Civil, onde antigamente funcionava um campo de futebol de areia. O espaço também possui chuveiros, banheiros e vestiários. Houve ainda a construção de um espigão com iluminação, bancos e piso em concreto onde antes se encontravam um conjunto de grandes pedras.

Figura 18 – Techo do novo calçadão da orla marítima



Fonte: Autor (2024).

Figura 19 – Praça construída na orla marítima



Fonte: Autor (2024).

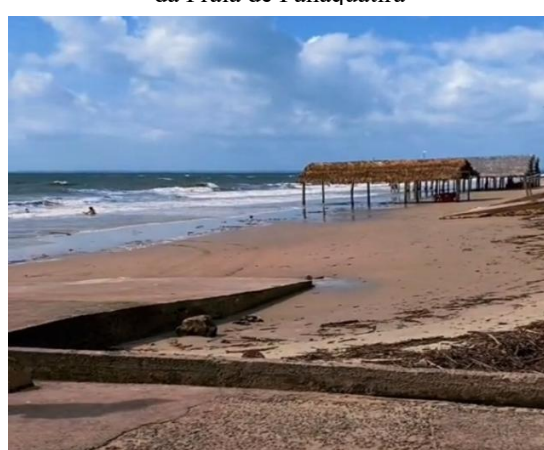
Na Praia do Panaquatira, por sua vez, as reformas foram praticamente inexistentes. Merece destaque a instalação lâmpadas de LED na iluminação pública (Figura 20), colaborando para uma melhor visão da via aos motoristas que se deslocam à área, principalmente nos fins de semana (período de maior frequência). Houve recapeamentos pontuais na rua que dá acesso a praia e melhoramento na rampa que liga a estrada e a faixa de areia do local (Figura 21). Aumentou-se a frequência da limpeza urbana pelo serviço público e algumas atividades desenvolvidas pela Secretaria de Meio Ambiente quanto a limpeza da praia.

Figura 20 – Nova iluminação e melhoria da rua de acesso à Praia de Panaquatira



Fonte: Autor (2024).

Figura 21 – Rampa de acesso à faixa de areia da Praia de Panaquatira



Fonte: Autor (2024).

Ressalta-se que as transformações referidas acima ganham profundidade na paisagem ao serem absorvidas pela população local e turistas. O uso da paisagem lhe confere o caráter agradável, calmo e acolhedor como se referem alguns dos questionários no Capítulo 3. O meio humano habita e dá sentido as paisagens, a começar pelos próprios moradores locais.

2.4 Práticas religiosas e a atração turística em São José de Ribamar

Historicamente, o santo católico (padroeiro do Estado do Maranhão) São José de Ribamar surge com os primeiros registros da chegada dos portugueses, por meio do navegador que estava prestes a naufragar. Desde então, a popularização dos milagres operados pelo santo foi atraindo a atenção e curiosidade de toda a região, provocando o deslocamento de fieis em busca de alcançar graças. Tanto que São José de Ribamar recebe ofertas de variados objetos e quantias em forma de agradecimento por bênçãos alcançadas.

Azevedo (2008, p.48) salienta que “A balneária cidade de Ribamar no período das festas⁵ do seu santo protetor muda, radicalmente”, quando uma enorme quantidade de pessoas transitam espacialmente pela área central do município “para pagar promessas, batizar, casar, passear, pedir graças, agradecer milagres alcançados pela intercessão do santo São José, ou então simplesmente para entregar-se a momentos de oração”.

A paisagem adensada pela prática pública da fé que congrega milhares de pessoas durante as festividades e centenas de pessoas em outras celebrações menores, é animada com objetos simbólicos que, guardados no Museu dos Ex-votos ou mesmo exibidos durante procissões, rememora o mito fundador do santo milagroso.

É comum deparar-se com homens e mulheres de lágrimas nos olhos tomadas pela emoção da fé que alimenta a esperança na busca de curas e milagres considerados aparentemente impossíveis, mas que cujas graças acabam sendo alcançadas pelos fiéis. É incalculável a quantidade de histórias sobre as graças alcançadas, se originam das mais diversas formas do pagamento de promessas. A exemplo, como levar coração, cabeça, rim, fígado e outros tantos órgãos feitos de cera para representar a cura de problemas da saúde, outros sacrificam-se em extensas caminhadas até a igreja para agradecer pelo emprego ou mesmo o casamento esperado há tanto tempo (Azevedo, 2008, p.48).

⁵ “Até o ano de 2018 a data do encerramento não era fixa, tendo como base a primeira lua cheia do mês. Atualmente, o festejo tem início no primeiro dia do mês de setembro e se encerra no último domingo do mês, período no qual ocorrem diversas missas e romarias. Dentre elas, destaca-se a “grande romaria”, que se inicia no bairro da Cohab, em São Luís, na Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, percorrendo de madrugada uma distância média de 22 quilômetros até o Santuário de Ribamar, onde se inicia a missa das cinco da manhã. As novenas antecedem a procissão, que é o único momento do ano quando a imagem original de São José sai da igreja e percorre a avenida principal da cidade, seguida por milhares de pessoas. Nesse momento são pagas as promessas, com as pessoas descalças, carregando velas ou réplicas de partes do corpo em cera, miniaturas de casas, tijolos, entre outros elementos. Nesse cenário, crianças e adultos se vestem de anjo, representando São José e Nossa Senhora” (Brussio et al, 2022, p.171-172).

Figura 22: Pagamento de promessa – ato público de fé que dá sentido simbólico à paisagem religiosa e rememora o mito fundado do santo milagroso



Fonte: Azevedo (2008, p.52)

Para Dias e Silveira (2003, p. 17), o turismo religioso é “aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participarem em eventos de caráter religioso. Compreende romarias, peregrinações e visitação a espaços, festas, espetáculos e atividades religiosas.” A prática turística religiosa se evidencia a partir da visitação a lugares sagrados em que a expressão da fé e da intimidade com Deus são evidenciados. Assim, o envolvimento de fiéis (em romarias, peregrinação e visitação) se dá com base no deslocamento para construção materializadas no espaço animadas por valores e simbolismos imateriais e subjetivos, onde a identidade religiosa é reafirmada ao vivenciar tal lugar sagrado.

Sobre esse aspecto, ao considerar o geossimbolismo do Santuário de São José de Ribmar, Ferreira (2021, p. 43) destaca que:

A prática do turismo religioso culmina com o deslocamento para os espaços religiosos, quase sempre de cunho sagrado, expressando uma oportunidade de ver e sentir os signos dessa natureza e, deste modo, a vivência desses espaços torna possível perceber como os espaços sagrados possuem de maneira veemente uma implicação religiosa.

Nesse sentido, a paisagem turística religiosa é constituída por marcas simbólicas e por uma matriz de valores comuns compartilhadas entre os fiéis de difentes localidades que dão profundidade existencial à paisagem. Os santuários, conjuntos de Igrejas ou grandes festividades dedicados aos santos católicos são destinos turísticos cada vez mais crescente, não apenas pelos valores religiosos implicados, mas também por seus valores culturais, históricos e arquitetônicos atraindo um grande contingente de turistas não-católicos, como as Igrejas barrocas em Minas Gerais ou o Santuário de Padre Cícero em Juazerio do Norte/CE e a festividade do Círio de Nazaré, na capital do Pará.

Sobre esse aspecto, Steil (2003, p. 32) expressa:

Assistimos, nos dias de hoje, a um boom de peregrinações, especialmente para Santiago de Compostela, envolvendo figuras emblemáticas da mídia e do meio artístico que, ao passarem por essa experiência, a narram em publicações que alcançam grande tiragem. Desvinculados das tradições religiosas em que se situam essas práticas, os novos peregrinos apontam para uma tendência [...] que é a da crescente autonomia da ‘experiência do sagrado’ em relação à mediação das instituições religiosas tradicionais.

Esse apontamento reflete o papel dos “mediadores religiosos” quanto da possibilidade e disponibilidade dos recursos simbólicos a fim de que cada visitante percorra seu próprio caminho, ou seja, um caminho em busca de seu verdadeiro “eu” em contato com o sagrado, realizado por meio de peregrinações.

Abordar o Turismo Religioso impõe compreender a relação entre os atributos espaciais e dimensão simbólica e religiosa provocada. A motivação do turismo religioso abarca não apenas as construções físicas, mas o campo simbólico, onde o local visitado tem semelhanças as práticas religiosas do fiel-turista, mas apresentam algum diferencial que o atrai. O deslocamento é provocado não, necessariamente, pela atração a um espaço com características exóticas, exuberantes ou muito distintas da origem do turista, como provocado em outras motivações turísticas, mas muitas vezes se deve à proximidade, familiaridade e reafirmação de valores religiosos comuns.

Outras localidades no Brasil e no mundo também tem sua história fundada por santos católicos, da qual se fizeram geossímbolos significativos no turismo religioso. A padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, é um desses casos: a imagem negra de Nossa Senhora retirada do Rio Paraíba do Sul por três pescadores é o mito fundador religioso rememorado constantemente e representado em diferentes aspectos das paisagens que compõem a Basília Nacional e seu entorno, na cidade de Aparecida/SP. De acordo com dados do Vatican News (2024), o Santuário Nacional de Aparecida foi o destino da peregrinação religiosa de maior movimento no Brasil: 8,8 milhões de devotos em 2023.

No caso em estudo, a área central de São José de Ribamar comporta uma paisagem marcante que movimenta o turismo religioso: o Complexo Santuário. Tal atrativo e sua dinâmica turística religiosa é bem expressiva no município, já abordado por diversos autores e enfoques como Anjos (2024); Azevedo (2008), Brussio, Souza, Santos e Ferreira (2022), Cantanhede (2013), Ferreira (2021), Miranda (2009, 2013); Pestana (1923); Reis (2001); Ribeiro (2019). A materialidade da fé expressa em imagens, narrativas recorrentemente contadas e construções arquitetônicas atraem fieis em um raio de abrangência muito superior ao local, “Tanto que romeiros, peregrinos, devotos e fiéis frequentam o santuário diversas vezes ao ano” (Brussio et al, 2022, p. 174).

Figura 23: Cidade de São José de Ribamar em dia festivo: concha acústica (no centro da imagem) e Monumento a São José (à esquerda)



Fonte: Ribamar Carvalho, set., 2019 (Brussio et al, 2022, p.169).

No caso de São José de Ribamar, a formação histórica do mito fundador do município já nasce com o santo milagroso que salvou a embarcação de um naufrágio como comentado no começo desse capítulo, narrativa recorrente na atração de fiéis ao santuário e a construção da vocação turística religiosa. A propagação do santo que realiza bençãos e milagres foi se espalhando e agregando fiéis de outras localidades, o que acabou por atrair a instalação de comércios e serviços locais na área central da cidade, remodelando a paisagem urbana e dinamizando as atividades e a própria economia ribamarense (Miranda, 2023).

Ainda assim, a construção de templos físicos, associada à narrativa mítica e às diversas atividades organizadas pela Igreja Católica provocam esse contexto turístico que é frequentemente reafirmado com novidades quanto aos festejos, romarias, procissões e missas. A religiosidade associada a fé católica é marcada na paisagem de São José de Ribamar por um conjunto arquitetônico diversificado que atrai turistas que também visitam outras paisagens turísticas no município de São José de Ribamar.

No cenário ribamarense, Anjos (2024) aponta como a narrativa é contada nos vitrais da Igreja Matriz e como o próprio fluxo e deslocamento de tantos fiéis ao longo das décadas, vindos de longe e de perto, acabam por validar a atmosfera religiosa e estimular a vocação turística de fé e devoção.

Figura 24: Fiéis no largo da Matriz de São José de Ribamar durante o festejo de 1976



Fonte: Miranda (2006 apud Anjos, 2024, p.67).

Figura 25: Fiéis no largo da Matriz de São José de Ribamar durante o festejo de 2019



Fonte: José Arilson, 2019 (Brussio et al, 2022, p.171).

Brussio et al (2022, p.172), comentam que: “Salta aos olhos e intrigam a quantidade e as qualificações das romarias e peregrinações que se direcionam ao festejo e ao Santuário de São José de Ribamar, algo expressamente visível na paisagem”. Ao distinguir romaria de peregrinação, Steil (2003, p. 33) destaca que: “[a romaria] seria uma peregrinação popular a um lugar tornado sagrado pela presença de especial um santo.” Tal definição é importante para esta análise, visto que a imagem do santo católico São José de Ribamar é capaz de evocar movimentações para a cidade.

O expressivo contingente de fieis que se deslocam para São José de Ribamar reafirma os vínculos simbólicos com o sagrado ao participar de um calendário diversificado no complexo santuário. Este é composto por “Igreja Matriz de São José de Ribamar, Centro Pastoral, Salão Paroquial, Casa dos Milagres, Praça São José (Caminho de São José), Concha Acústica, Cripta (sob a Concha), Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, Monumento a São José (imagem de São José com 33 metros de altura) e Museu dos ex-votos”.

Abaixo, o Caminho de São José, umas das construções que formam o Complexo Santuário. Instalada na Praça São José, um espaço público, o conjunto de esculturas (em pó de mármore, resina e argila) contam em oito estações a história da Sagrada Família de Nazaré, Jesus, Maria e José. As estações estão dispostas ao longo da Praça São José, localizada em frente à Igreja Matriz. “As estátuas começaram a ser esculpidas em 1996, pelo artista goiano Sival Floriano Veloso no Salão Paroquial São José de Ribamar e foram concluídas em 1997”, registra o site do Santuário. As estações, inauguradas em 1997, passaram por reformas em 2001 e 2010. De acordo com o Santuário, a “nova praça São José substituiu a antiga e as estações substituíram a antiga imagem da sagrada família construída em 1979, pelo escultor Carlos Prado que, já bastante desgastada, desmoronou durante a reforma da praça”.

Figura 26: Imagens na praça São José, em São José de Ribamar, contam a história da Sagrada família de Nazaré



Fonte: Autor (2024).

Quanto ao Complexo Santuário, a dissertação “O centro da cidade e seu conteúdo simbólico: um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do Complexo Arquitetônico do Santuário” (Anjos, 2024) bem detalha o processo de construção simbólica no espaço urbano e elabora o seguinte mapa:

Figura 27: Mapeamento das construções que compõem o Complexo Santuário, em São José de Ribamar



Fonte: Anjos (2024, p.67)

A vocação turística religiosa, como um discurso construído pelos diversos agentes, apoia-se atualmente no meio técnico-científico-informacional. A divulgação sobre os festejos e outras atividades relacionadas ao Santuário⁶ é informada por postagens nas redes sociais da paróquia, transmissão de missas através da Rádio Educadora e canais do Youtube e da Web Rádio do Santuário de São José de Ribamar, além de serem amplamente noticiados pela TV e jornais impressos e digitais da região.

A Igreja local associada aos meios de comunicação abertos de massa e os meios de comunicação digitais que atingem um público mais direcionado que segue as redes sociais do Santuário, configura-se como um mecanismo que se vale do meio técnico-científico informacional para alcançar os objetivos de agregar a comunidade católica e visitantes

⁶ “Antes da pandemia a paróquia de São José de Ribamar já utilizava plataformas digitais (Facebook, Instagram, YouTube) para divulgar os seus trabalhos e manter uma comunicação mais dinâmica com o seu público-alvo. Com a pandemia, houve um incremento e otimização das ferramentas virtuais disponíveis para estabelecer uma relação com os fiéis, devotos, romeiros e peregrinos. Para tanto, a PASCOM (Pastoral da Comunicação) que já existia bem antes da pandemia, investiu em dinâmicas de comunicação através do Facebook, do Instagram, do Youtube, com transmissões diárias das celebrações de missas e outras atividades litúrgicas do santuário” (Brussio et al, 2022, p.175).

simpatizantes em torno da fé cristã e dos símbolos religiosos católicos. Tal mecanismo midiático de associação entre Igreja e Meios de Comunicação se deve, inclusive, pela boa aceitação da religião católica no Brasil dada a colonização europeia.

Tanto que estudiosos da temática, indicam que “De forte apelo turístico, não por acaso vingando em diversas mídias que tratam de turismo religioso no estado do Maranhão, um dos espaços sagrados mais representativos do festejo de São José de Ribamar reside na forma simbólica espacial do Santuário” (Burssio et al, 2022, p.171).

Figura 28 - Santuário de São José de Ribamar nas redes sociais



Fonte: facebook.com/santuاريو.ribamar (2024)

Figura 29 - Jornal do Maranhão com Seção reservada aos informes do Santuário



Fonte: Anjos (2024)

A construção do Complexo do Santuário de São José de Ribamar é um grande exemplo de transformação da paisagem em prol da efetivação da vocação turística local. Não apenas as construções físicas e melhorias na infraestrutura urbana, mas todo o ato de fé público, o movimento de milhares de fiéis, outras atividades não religiosas que dão suporte a esse tipo de turismo e até mesmo a divulgação nas redes sociais e meios de comunicação de massa fortalecem e impulsiona a prática turística.

O mosaico de fotografias seguinte registra algumas das transformações realizadas ao longo dos anos. Igreja Matriz de São José de Ribamar passou por pintura, ganhando um conjunto de iluminação artística direcionada aos vitrais, escadaria e fachada, em 2021.

Figura 30 – A Praça Matriz de São José de Ribamar na década de 1980



Fonte: Miranda (2023).

Figura 31 – Antiga Praça da Matriz de São José de Ribamar na década de 1990



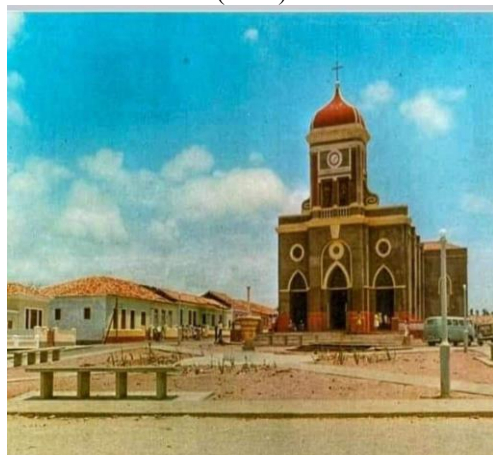
Fonte: Miranda (2023).

Figura 32 – Nova Praça da Matriz com o Caminho de São José (2024)



Fonte: Autor (2024).

Figura 33 – Igreja Matriz de São José de Ribamar (1980)



Fonte: Miranda (2023).

Figura 34 – Pintura e iluminação externa da Igreja Matriz de São José de Ribamar (2023)



Fonte: Carvalho (2023).

Quanto a iluminação na Igreja, a reportagem de jornal no site oficial da Prefeitura de Ribamar anunciava que:

Na ocasião, a iluminação irá representar a cor de cada mês de campanha e, atualmente, a campanha em destaque é o Maio Amarelo, com base na conscientização do trânsito. O projeto foi desenvolvido pela Secretaria de Obras, Habitação, Serviços Públicos e Urbanismo (Semosp), que realizará uma série de trabalhos desse tipo, e o primeiro ponto foi o largo do santuário de São José. “Por determinação do nosso prefeito iniciamos esse grande projeto. Começamos pela igreja, pois é um marco do turismo, marca registrada do município e o primeiro de vários pontos que receberão o trabalho”, destacou o secretário da Semosp, André Cruz. Para o reitor do santuário, Padre Cláudio Roberto [...] “Essa praça e esse santuário são frequentados por milhares de fiéis que vêm de muitas cidades do Maranhão e de outros estados. Por isso, somos gratos à prefeitura e agradecemos de coração por esse projeto”, disse o padre. [...] “Estamos incentivando para que as pessoas venham apreciar, não apenas o santo, e temos esperança de que por meio desse cartão portal nós possamos alavancar o turismo, gerando emprego e receita para a nossa cidade”, finalizou o prefeito” (São José de Ribamar, 2021).

A reforma da Concha Acústica⁷ também se expressa no conjunto de reformas empreendidas entre a igreja e o poder público municipal. O espaço é reservado, sobretudo, para celebrações religiosas que atraem um grande número de fiéis para essa área da cidade. Cabe ressaltar que sua reforma também se deve a fortes clamores públicos da população local que começava a criticar a situação de abandono da obra em postagens nas redes sociais, sendo notificados até mesmo em jornais locais.

⁷ “Com formato de uma Bíblia aberta, simbolizando a centralidade da Palavra de Deus em nossa fé, a Concha Acústica foi inaugurada junto ao monumento a São José, em vinte e oito de agosto de 1998, como parte do complexo. A Concha foi construída onde antes havia um cruzeiro, uma grande pedra com a passagem da crucificação de Cristo. O antigo cruzeiro guardava uma curiosidade: ele poderia ser visto de diferentes ângulos e cada um guardava uma significação diferente; se olhado de longe, poderia se avistar Cristo crucificado, de perto, a grande pedra recordando a que fora removida do Santo Sepulcro e, do lado oposto, era possível ver o próprio sepulcro com a imagem do Senhor Morto dentro. A concha é usada em missas, eventos religiosos e outras importantes solenidades como os encerramentos dos festejos em março e setembro. Na parte interna, possui a Cripta que também é utilizada para celebrações e encontros como a adoração ao Santíssimo Sacramento na Quinta e Sexta-Feira Santas. Está localizada ao final da Praça São José.” Fonte: < <https://www.santuarioderibamar.org/concha-acustica-1>>.

Figura 35 – A concha acústica nos anos 2000



Fonte: Miranda (2023).

Figura 36 – Concha Acústica após reforma



Fonte: Autor (2024).

Na reportagem de jornal publicada quanto a entrega dessa obra, consta: "A obra é fruto de recursos próprios, além de emendas parlamentares. Com isso, tivemos a honra de fazer parte desse momento histórico para São José de Ribamar", destacou Dr. Julinho (prefeito e médico obstetra Julio César de Souza Matos, eleito para gestão de 2020 a 2024, pelo Partido Livre).

Já o monumento de São José de Ribamar⁸ configura-se um cartão postal da cidade e ao longo dos últimos anos vem sendo noticiado em canais de circulação local devido a má conservação. As postagens realizadas e a discussão na planária da Câmara Municipal de Ribamar conseguiram sistematizar um conjunto de ações e alcançando o poder público estadual que a pouco mais de 2 anos interditou a área para reforma.

⁸ “Com 33 metros de altura, o monumento a São José é um dos maiores do país, ficando atrás apenas do Cristo Redentor com 38m e vindo após ele os monumentos a São Francisco de Assís, em Canindé, Ceará, e a padre Cícero em Juazeiro do Norte, também no Ceará, respectivamente com 30,25m e 27m. O monumento retrata São José segurando firmemente a mão do Menino Jesus, simbolizando o carinho e a preocupação de ensinar os primeiros passos ao Menino Jesus. Em março de 1997, foi iniciada a construção do monumento e sua inauguração ocorreu junto a da Concha Acústica de São José de Ribamar, em quatro de agosto de 1998. Tijolo, cimento, pedra brita, concreto e ferro galvanizado serviram de matéria para a construção. O artista goiano Sinval Floriano Veloso construiu o monumento em etapas. A grande imagem de São José foi feita em sete etapas iniciando a construção pelas botas do santo. Simultaneamente foi construída a imagem do Menino Jesus, em cinco etapas, iniciada pelos pés. As mãos e as cabeças foram modeladas na argila, revestidas de gesso e sustentadas por fibras de vidro. O monumento está localizado ao lado da Concha Acústica de onde é possível apreciar a vista da Avenida Beira-Mar e da Baía de São José.” Fonte: <<https://www.santuarioderibamar.org/monumento>>.

Figura 37 – Monumento de São José de Ribamar (Bolo) antes da interdição



Fonte: santuariosaojosederibamar, 2024.

Figura 38 – Interdição do Monumento de São José de Ribamar desde 2019



Fonte: Autor (2024)

Sobre a caracterização desse espaço e elemento de atração turística, Ferreira (2021, p. 47) descreve: “Já próximo à praia, encontramos o monumento em homenagem a São José e à sagrada família, demonstrando a sua proteção à cidade e ao estado, sendo colocado de frente para o mar e, abaixo dele, tem o Museu de Ex-Votos, espaço que vai contar sobre pontos culturais fortes da cidade, como o bumba-boi e a história da cidade”.

Alguns turistas demonstraram preocupação pelo descaso do monumento ao ponto de ter sido interditado, porém vibram com a notícia de sua recuperação, ainda que não se saiba quando a obra estará concluída. Essa mesma preocupação é relatada pelos comerciantes entrevistados que apontam a recuperação do “Bolo”⁹ como um ponto positivo, por se constituir um cartão postal do município.

Capítulo 3: EXPERIÊNCIA DO TURISMO EM SÃO JOSÉ DE RIBAMAR

3.1 Os turistas na Praia do Banho e no Complexo Santuário

Para consolidar a pesquisa e compreender o fenômeno a partir da percepção das paisagens turísticas, elaborou-se o questionário (APENDICE A) afim de coletar as motivações das visitas, os locais frequentados, o valor aproximado de gasto na cidade e os sentimentos provocados pela paisagem. Tal questionário foi aplicado a 50 turistas entre os dias 09 de junho a 07 de julho de 2024, nos períodos matutino e vespertino, priorizando-se os finais de

⁹ O monumento a São José de Ribmar recebe popularmente esse nome devido ao formato de sua estrutura, em nível circular como um verdadeiro bolo.

semana, devido ao maior fluxo de turistas na cidade. O contato com os turistas através do questionário também possibilitou reflexões que deram base a essa monografia, principalmente quanto à leitura de paisagem pelos diferentes turistas e o levantamento de informações referentes às necessidades que ainda não foram sanadas no espaço turístico e as transformações na paisagem por aqueles que visitam São José de Ribamar com frequência.

Foram priorizadas a aplicação no entorno da Praia de Banho e do Complexo do Santuário. A escolha da praia se deu com base na proximidade à área mais central da cidade (embora as Praias de Araçagy e do Meio desponham no fluxo de visitas). Entrevistou-se 30 pessoas (15 na Praia de Banho e 15 na Praia de Panaquatira) referentes ao turismo litorâneo, sendo 16 homens e 14 mulheres e a faixa etária variou entre 18 e 60 anos. Sobre o turismo religioso, a pesquisa englobou 20 pessoas, sendo 12 do sexo feminino e 8 masculino. As idades dos respondentes variaram entre 20 e 76 anos.

Os turistas motivados pelo litoral foram acessados próximos de bares e restaurantes da orla marítima, em diferentes horários (a maioria das respostas fora obtidas no horário do almoço, enquanto os turistas aguardavam os pedidos de suas refeições).

Já os turistas próximos ao Santuário de São José de Ribamar se deu por conta da expoente carga simbólica que o mesmo possui, sendo capaz de atrair e envolver pessoas de diferentes localidades, de cidades mais próximas até estados mais distantes, principalmente durante as festividades do santo, em setembro. A presença de fiéis turistas se renova constantemente, sendo possível perceber cotidianamente diferentes públicos nas dependências da Igreja Matriz e no conjunto arquitetônico a sua volta. O acesso às respostas dos turistas do segmento religioso foi possível mediante presença em horários de missa (cerca de 20min antes do início ou após o término das celebrações). Dentro da própria igreja, contou-se com a colaboração dos padres que anunciavam sobre a presente pesquisa, motivando os fiéis a participarem voluntariamente (para tal, conversou-se, antecipadamente, com cada celebrante sobre o objetivo da pesquisa). Foi possível ainda o contato com o turista de motivação religiosa na área de benzimento de veículos, à direita da igreja após a missa. As missas do domingo de manhã foram priorizadas para aplicação do questionário devido a maior movimentação e fluxo turístico.

Figura 39 – Benzimento de veículos



Fonte: Autor (2024).

Próximo a orla marítima, obteve-se respostas de turistas vindos do Maranhão, Piauí e São Paulo, além de maranhenses vindos de cidades próximas da região metropolitana da Grande São Luís.

Em relação às motivações para a visita dos turistas do segmento ecológico litorâneo, as respostas se concentram no lazer, citando “descanso”, “calmaria da praia”, “consumo de bebidas” e “pescaria”. Ao questionar quais as áreas que os turistas mais costumam visitar, as respostas variaram da Igreja Matriz até a Praia de Panaquatira. A visita ao cais foram respostas bem menos frequentes.

Já no Complexo Santuário, a maioria dos turistas era do próprio estado do Maranhão e de cidades mais próximas à São José de Ribamar, como São Luís, Raposa e Paço do Lumiar. Com menos expressividade também encontramos turistas vindo do interior do estado, das cidades de Viana, Cururupu e Urbano Santos. Como motivos de visita foram citados agradecimento ao santo (por meio de pagamento de promessas) e pedidos por graças, enfatizando o caráter religioso do deslocamento turístico.

Esse aspecto traz à tona a questão da identidade com o lugar (sagrado) onde são consideradas as questões das relações sociais, fazendo com que essa porção do espaço seja permeada pela vivência da fé, evidenciando um conjunto de diferentes significados pelos sujeitos. Como destaca Carlos (1996, p. 29), o lugar pode ser encarado como:

[...] produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido pelas relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e pela cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que homem se reconhece porque é o lugar da vida.

Nesse movimento de motivação para a visita aos lugares, alguns dos turistas também mencionaram um caráter combinado entre religião e lazer, como participar das missas e passear pelo Complexo, praias e o cais. Assim, evidencia-se um conjunto de diferentes paisagens artificiais e naturais que tornam-se atrativos de interesse para a atividade turística. O complexo e o cais, enquanto elementos característicos de uma paisagem artificial podem possibilitar reflexões quanto às suas criações também para atender às demandas turísticas, pois “são tentativas de se produzir os signos que povoam o imaginário de efetivos turistas ou daqueles potenciais” (Cruz, 2002 apud Marulo; Oliveira; Batista, 2016, p. 124) e isso ocorre também com as paisagens naturais (como as praias ribamarenses) que são apropriadas pelo turismo.

Ao abordar a data que mais visita a cidade, as pessoas agrupadas no turismo religioso apontaram as festividades do santo, expressivamente o Grande Festejo realizado anualmente no mês de setembro. Entre esse público, há aqueles que preferem visitar a cidade aos fins de semana, sobretudo, nos dias de domingo. Os romeiros e devotos que participam dos festejos são envolvidos por várias atividades litúrgicas como missas, terços, novenas, romarias, shows católicos, quermesse. Assim,

Enquanto as peregrinações e romarias tendem a ser vivenciadas como um ato religioso de imersão no sagrado, o turismo, mesmo quando adjetivado como religioso, caracteriza-se por uma externalidade do olhar, fundamental para que um evento seja considerado como turístico (Steil, 2003, p. 35).

Os turistas na praia que eram maranhenses também comentaram preferir visitar São José de Ribamar aos domingos. Já os vindos de outros estados dependiam do período de férias do trabalho. Um fato curioso se deu pela percepção de turistas que acessam a Praia de Banho somente durante o período de festejo do santo católico e outros que aproveitam a festividade do Lava-Bois (um final de semana após as festas juninas) para visitar a Praia de Panaquatira. O que revela como a combinação entre ambos os tipos de turismo em São José de Ribamar já existe e pode ser ampliado o fluxo e a satisfação de turistas ao oferecer atividades e serviços variados no período do festejo católico.

Em relação ao Turismo ecológico litorâneo, a grande maioria dos entrevistados consome nos restaurantes locais (refeições e bebidas). Há um público também expressivo que usufrue do espaço para tomar banho de mar e, em menor quantidade, para prática de atividade física (caminhada) e pesca.

O questionário permitiu investigar como se dá o consumo desses dois tipos de turismo: no turismo religioso, a maior parte das pessoas costumam comprar artigos religiosos (terços,

fitas e chaveiros, por exemplo), além de consumirem pratos típicos da cidade (peixe pedra). Os produtos de artesanato, por sua vez, foram relatados com menos frequência. O valor gasto no consumo desses itens varia de R\$10,00 a R\$500,00, considerando o tipo de produto e a quantidade de pessoas da família.

As atividades de consumo também são destacadas na pesquisa empreendida pelo pesquisador André Lucas Ferreira (2021) em que os produtos religiosos são os mais buscados entre os turistas desse segmento, com destaque para a Casa dos Milagres. Ao falar sobre esse espaço, Ferreira (2021, p. 46) assim expõe:

Ao sair do Santuário, o indivíduo encontra a casa dos milagres. Espaço esse responsável por encontrar uma série de artigos próprios para comercialização, como livros de cânticos, terços e etc. De tal maneira, é um espaço convidativo para que o turista e/ou devoto possa frequentar antes ou depois de comparecer à igreja. É, sem dúvidas, um espaço onde pode conhecer a história e adquirir produtos que sugerem fortalecer a fé.

O turismo litorâneo local costuma movimentar o setor de compras voltado, principalmente, ao consumo de alimentos e bebidas em restaurantes e bares. Com menor expressividade, há aqueles que consomem peças do artesanato local. O valor gasto no consumo varia de R\$100,00 a R\$500,00, dependendo do prato e da quantidade de pessoas. O maior consumo se dá com em refeições de pescados e outros frutos do mar, comentados como os prediletos pelos turistas do Maranhão e de outros estados.

Quanto a permanência na cidade: os turistas que frequentam as praias ficam de uma hora até um dia inteiro (a resposta mais frequentes foi por volta de 4 horas). Tais turistas não costumam se hospedar na rede hoteleira e aqueles poucos que passam mais tempo (um dia inteiro) ficam na casa de parentes. Isso denota a maior parte dos turistas como sendo moradores de cidades vizinhas, a exemplo de São Luís e Paço do Lumiar.

Em relação ao turismo religioso, as pessoas tendem a frequentar São José de Ribamar no intervalo de uma hora a um mês inteiro. Para tanto, a maior parte não fica hospedado na cidade, buscando outras localidades como a capital do estado. Entre aqueles que permanecem por mais tempo de visita, costumam ficar na casa de parentes e amigos.

Sobre a percepção da paisagem, os turistas, de modo geral, apontaram que houve transformações desde sua última visita à cidade e que conseguem indentificar já que visitam São José de Ribamar com frequência. Nesse sentido, destaca-se a reflexão de Cruz (1999) que entende a paisagem turística com forte apelo à visão – com grandes obras para se fazerem ver as transformações e provocar a atividade econômica atrelada ao turismo:

O turismo é a única atividade econômica em que o consumo do espaço constitui sua razão de ser. Para nenhuma outra atividade econômica, ainda, a porção visível do espaço geográfico - a paisagem - é tão relevante. Daí o significado da preservação do patrimônio natural e cultural do país para o turismo. Não necessariamente pelo papel que desempenham na economia, na cultura, na vida do lugar, mas pelo que aparentam ser aos olhos de um turista (CRUZ, 1999, p. 66).

Entre essas alterações, os turistas religiosos destacaram: reforma da concha acústica, pintura da igreja matriz, iluminação externa da igreja, pintura das estações do caminho de São José, fixação de câmera na Praça da Matriz, interdição para reforma do Monumento, Gruta de Lourdes¹⁰ com menos imagens (esses destaques foram feitos, principalmente, por aqueles que compõem o segmento do turismo religioso). Os turistas do segmento litorâneo apontaram a reforma da orla marítima, o melhoramento do calçadão, a obra do espigão, a construção da Praça da orla, reforma do Cais da cidade, o tablado de madeira, a reforma das escadarias de acesso a Praia de Banho (Figura 40), mais residências próximas às praias, maior número de bares e restaurantes e melhoria nas vias de acesso. Há quem destacou que a cidade está mais organizada, bonita e aconchegante para receber os turistas e visitantes.

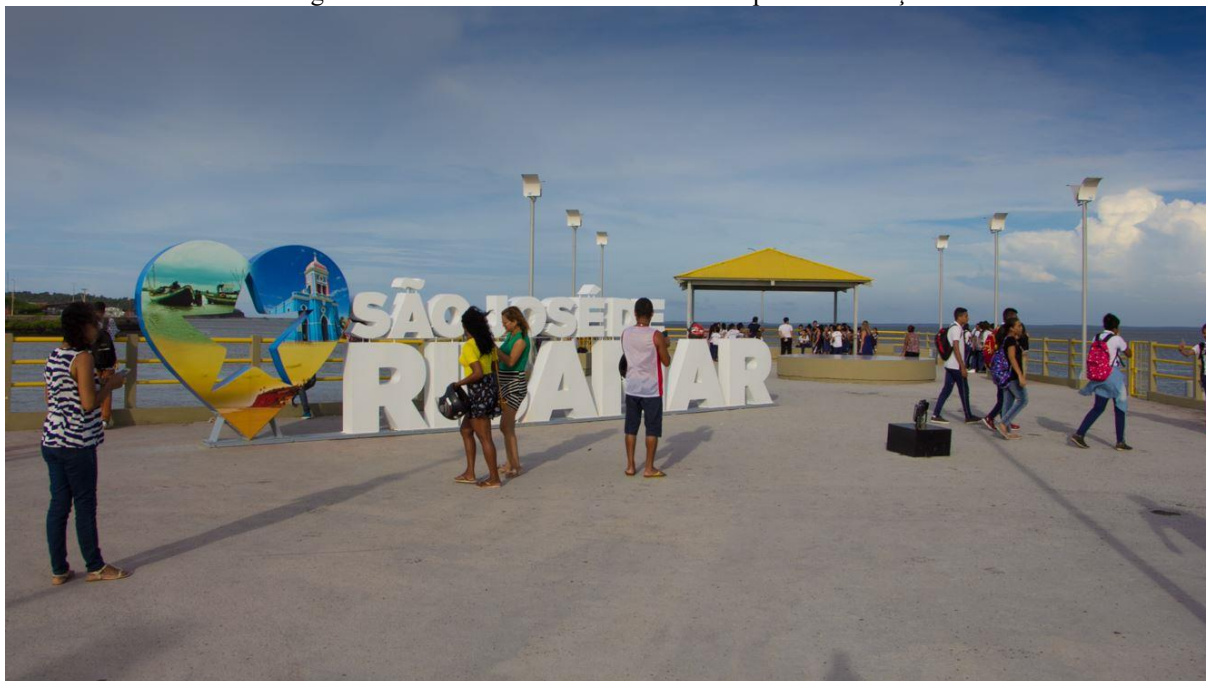
Figura 40 – Escadaria de acesso à Praia de Banho reformada em contraste com a paisagem antiga



Fontes: Autor (2024) à esq. e site Prefeitura São José de Ribamar (2021) à dir.

¹⁰ “A gruta construída em 1957 é uma réplica da que está na cidade de Lourdes, França, para rememorar uma das aparições mais prestigiadas de Nossa Senhora. A gruta abriga imagens no seu interior e é um dos pontos religiosos mais visitados do Complexo Santuário.” Fonte: < <https://www.santuarioderibamar.org/gruta-de-lourdes>>.

Figura 41: O cais de São José de Ribamar após revitalização



Fonte: Site Prefeitura São José de Ribamar (2021)

De modo geral, ao tratar da percepção do turista (de ambos os segmentos), a maior parte considera o município como um lugar calmo e acolhedor – esses dois adjetivos foram citados com frequência. Foi possível identificar também aqueles que, ao visitarem determinando pontos da cidade (a exemplo da Igreja e das Praias) relataram um certo sentimento de nostalgia ao contemplar aquelas paisagem, remetendo-os a memórias da infância e adolescência ali vividos. Essa memória afetiva suscitada pela paisagem que, mesmo em suas constantes transformações, apela para questões familiares vividas favorece o retorno a São José de Ribamar, e foi ressaltado nas respostas da maior parte dos entrevistados.

Por fim, questionou-se sobre possíveis melhoras nas áreas visitadas, o que incorreu em um conjunto bem diversificado de respostas. Foram mencionadas: a falta de infraestrutura, espaço para estacionamento, maior acessibilidade nas áreas, investimento em passeios, preparo de guias turísticos, preços mais acessíveis, outra forma de abordagem nos restaurantes (cordialidade), segurança pública e maior divulgação do turismo (em ambos os segmentos turísticos).

O segmento religioso acena ainda a importância do trabalho conjunto com o Poder Público Municipal para manutenção e reafirmação dos locais de peregrinação, demandando investimentos dos diferentes agentes. Sobre essa questão, vale salientar as palavras de Steil (2003, p. 34) ao reforçar que:

Os locais de peregrinação não só estão geralmente sob o controle da instituição católica, mas muitos deles foram criados e incentivados pelo próprio clero. Mesmo ultrapassando as intenções iniciais de seus agentes institucionais, estes eventos dificilmente se manteriam sem o investimento eclesiástico e/ou de mediadores político-administrativos que lhes dão suporte e lhes imprimem determinadas características que os definem como tal.

Diante do exposto, reforça-se que o planejamento é o caminho para atenuação de muitos problemas, entendendo que:

A ausência de um planejamento adequado do destino turístico que traga qualidade de vida e justiça social à comunidade residente pode causar danos ao desenvolvimento local. Quanto menor a comunidade, maior será o choque cultural, maior serão as desigualdades percebidas na paisagem, principalmente quando essas transformações ocorrem sem planejamento e sem incluir a comunidade (Marulo; Oliveira; Batista, 2016, p. 128).

Tal apontamento reitera o papel dos diferentes agentes no segmento turístico e suas ações para promoção da atividade na cidade ribamarense sem, todavia, deixar de envolver a comunidade nas pautas ligadas ao turismo. Assim apregoa-se, por exemplo, a importante relação entre o poder público e a Igreja em ações que visem atrair e manter os visitantes, sem, contudo, esquecer da população residente e de como os impactos gerados por essa atividade podem afetá-la.

3.2 Comerciantes locais

A entrevista realizada com comerciantes, funcionários e vendedores (APENDICE B) que trabalham na orla marítima de São José de Ribmar foi interessante para coletar a percepção da dinâmica turística por mais um setor. Em relação aos comerciantes, a pesquisa envolveu 22 profissionais (12 mulheres e 10 homens). A faixa etária variou entre 24 anos e 45 anos. O profissional mais novo no ramo afirmou ter experiência de 1 ano e 3 meses e o mais antigo está trabalhando há 18 anos (a maior parte dos sujeitos está atuando na função a mais de 5 anos). Quanto aos estabelecimentos envolvidos na aplicação do questionário, compreendeu loja de artigos religiosos, mercearia, restaurantes, hotéis e bares.

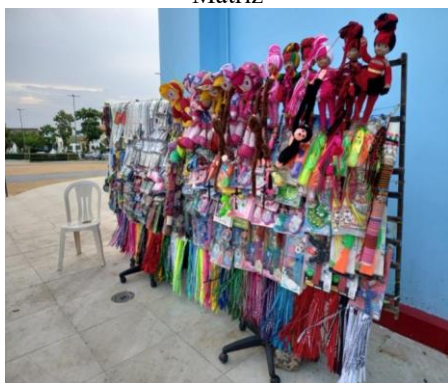
Dos comércios na orla da Praia de Banho, foi destacado que a maior parte da clientela que consome nos bares e restaurantes era de visitantes que após frequentar a igreja, iam almoçar. Vendedores que trabalham nas dependências do cais não reclamam da movimentação dos clientes, mas apontam que poderia ter uma frequência maior. Destacam, sobretudo, a visitação de pessoas vindas de São Luís no final das manhãs de domingo para consumir nos quiosques. Contudo, apontam que uma boa parcela do consumo nos quiosques é

feita por moradores da própria cidade.

O período de festejo do santo, em setembro, também foi destacado pelos vendedores locais (tanto os que trabalham nos arredores do santuário quanto os da orla marítima) como principal período de vendas. Aqueles que atuam no setor de restaurantes também evidenciaram as festas de Dia das Mães, das Crianças e Férias como épocas boas para as vendas e destacam uma forte influência do santuário para dinamização de suas vendas, a partir da atração de turistas. Nesse aspecto, as considerações de Ferreira (2021, p. 41) são expressivas, ao apontar que “[...] o interesse sobre a atividade turística é recorrente em nossa sociedade. Tal atividade sempre foi importante para o desenvolvimento das cidades, gerando renda, empregos e desenvolvimento, apesar dos seus impactos decorrentes.”

Os profissionais que atuam na Praia do Panaquatira ressaltaram um fluxo maior de turistas nos dias de domingo até por volta das 17h e realçaram algumas datas como de maior frequência, a exemplo das festas do santo (em setembro), lava-pratos e dia das mães. Assim, percebe-se que, mesmo distante do centro da cidade – onde está alocado o santuário de São José de Ribamar – este exerce influência até em praias mais distantes ao favorecer um número considerável de clientes nas dependências da Praia do Panaquatira, ainda que na Praia de Banho essa relação com o aspecto religioso tenha sido evidenciado de forma mais presente nas entrevistas.

Figura 42 – Venda de artigos religiosos e outros produtos artesanais diversos ao lado da Igreja Matriz



Fonte: Autor (2024).

Figura 43 – Casa dos Milagres, principal estabelecimento de artigos religiosos



Fonte: Autor (2024).

3.3 A Igreja Católica e a Secretaria de Turismo de São José de Ribamar

As entrevistas com representantes de Igreja Católica e da Secretaria do Turismo foram aplicadas no dia 25 de julho de 2024, mediante agendamento prévio diretamente com o padre e com a recepcionista da Secretaria de Turismo. Os roteiros das entrevistas foram enviados com antecedência aos entrevistados. Com consentimento dos mesmos, as respostas foram gravadas para facilitar a posterior transcrição e interpretação.

A entrevista com o padre solidário do Santuário de São José de Ribamar (APENDICE C), Danilo Fontinelle, ocorreu nas dependências do Centro Pastoral, ao lado da Igreja Matriz, por aproximadamente 30 minutos. A opção pelo religioso como contribuinte à pesquisa se deu com base em seu trato diário com visitantes de diversas cidades e estados e por entender que sua percepção e vivência podem trazer elementos diferenciais para caracterizar a prática turística religiosa.

Padre Danilo é natural de São Luís e está alocado na Paróquia de São José de Ribamar há cinco anos. O entrevistado foi bem solícito a cada questão levantada, relatando pacientemente a dinâmica da igreja frente ao turismo religioso de grande força no município. Seus apontamentos deram-se com base em perguntas sobre fluxo de visitação, período de maior procura, principais atividades realizadas para estimular a prática turística, parceria com o poder público municipal, impactos do turismo religioso na comunidade e possíveis obras para dinamizar ainda mais a atividade turística no município.

Diante da proposta em que a pesquisa se encaixa, buscou-se alinhar também com a Secretaria de Turismo do município uma visita in loco para fazer o levantamento de informações sobre a abordagem turística local. Com isso, houve algumas tentativas de contato com o Secretário de Turismo para aplicação da entrevista, porém, o mesmo, por meio de sua assessoria, repassou que não conseguiu tempo hábil para encaixar na sua agenda.

Entre as justificativas para a não realização da entrevista com o secretário estava a organização das festividades juninas e a realização do Lava-Bois no município, demandando muito tempo do mesmo. Não logrando êxito na tentativa direta com o secretário municipal, buscou-se um elemento intermediário - a Secretária Adjunta de Turismo – através do envio de mensagens a respeito da pesquisa. Essa prática foi repetida algumas vezes com o intuito de obter alguma resposta sobre a demanda da aplicação da entrevista, mas também não obteve-se êxito nessas tentativas.

Com isso, recorreu-se presencialmente à Secretaria Municipal de Turismo afim de uma conversa e explanação da importância da fala e ponderações dos profissionais acerca das

ações empreendidas no que tange ao turismo no município, mas o secretário não se encontrava no local devido compromissos externos. A secretária adjunta, por sua vez, estava em reunião, mas indicou um grupo de profissionais (3 turismólogos) que atuam diretamente com as questões de promoção do Turismo local. Assim, apresentou-se, primeiramente, o roteiro de perguntas afim de que os colaboradores pudessem organizar suas ideias e destacar aquilo que está sendo desenvolvido no município. A atividade foi positiva, alcançando um conjunto de informações que embasaram os escritos do Trabalho de Conclusão de Curso, além de acenar para a caracterização do Turismo no cenário local.

A busca pela Secretaria de Turismo deu-se a partir do entendimento de que as atividades desenvolvidas pelo Poder Público Municipal são, atualmente, a principal força política na construção e efetivação da vocação turísticas de São José de Ribamar, independente do segmento de turismo e setores envolvidos.

A entrevista com os três funcionários (APENDICE D) foi realizada na própria Secretaria em sala reservada, com duração total de cerca de 48 minutos. Essa metodologia de coleta de dados possibilitou maior detalhamento de informações acerca dos desafios enfrentados pela atual gestão municipal no turismo em São José de Ribamar a partir da equipe que, amigavelmente, colaborou com sua experiência profissional.

A equipe entrevistada durante a visita à Secretaria Municipal de Turismo de São José de Ribamar, designados pela Secretária Adjunta é formada por Alex Liberato Gonçalves Oliveira (Bacharel em Turismo), está há dois anos exercendo o cargo de Assessor Técnico na área de Turismo, é nascido em São Luís, mora em São José de Ribamar; Jardel André Martins Lopes Braga (Bacharel em Turismo), está há nove anos e atualmente exerce o cargo de assessor Técnico na área de Turismo, é nascido em São Luís e mora em São José de Ribamar e; Eugenia Luiza Paz de Assis (Bacharel em Turismo), está há dois anos exercendo o cargo de Assessora Técnica na área de Turismo, é nascida em São Luís e mora em Paço do Lumiar.

As questões que compuseram a entrevista enfocavam os impactos da atividade turística no município, principais áreas e tipos de turismo, atividades realizadas pelo poder público municipal para propiciar essa prática, a relação entre Secretaria de Turismo e Igreja Católica (mediante a expressiva força desse segmento), e participação da comunidade no planejamento e gestão.

Da fala de Padre Danilo, enquanto representante da Igreja Católica, destaca-se como interessante à investigação realizada as ponderações feitas pelo padre quanto ao fluxo de

turistas durante o Festejo de Setembro e como o Complexo Santuário se configura como um lugar de encontro de amizade e fraternidade da diversidade cultural (locais, turistas, empresários, artistas, adeptos de outras religiões):

“No Festejo de Setembro (padroeiro do Maranhão) vem milhares de pessoas porque temos romarias do início ao fim, praticamente todos os dias.... Vem gente de todas as regiões do Maranhão: nas regiões do Munim (Itapecuru, Lençóis, Tutóia, Barreirinhas, Santo Amaro) também vem pra cá. Axixá, Bacabeira, Vargem Grande o povo vem pra cá. Há uma menor incidência do Sul, do Leste e do Oeste, mas vem também (Imperatriz, por exemplo). Tem pessoas que já moraram aqui, mas que constituíram família em outros estados e que são empresários, por exemplo, as vezes nos ajudam com alguma doação e vem abençoar seus veículos ou então levam água daqui pra abençoar lá. Artistas maranhenses, por exemplo, algumas representatividades culturais vem aqui participar conosco, são devotos. Representantes de outras religiões diante de seu sincretismo vêm aqui, então o santuário é o lugar do encontro, o encontro da amizade e da fraternidade, instituído por Jesus. O santuário é esse lugar de diversidade cultural”.

Outra fala de Padre Danilo muito significativa é a que expressa a centralidade que São José de Ribamar exerce sobre a região. A diversidade cultural que se encontra no complexo citada acima faz com que cada pessoa tenha uma tendência e permanência. Contudo, somados esses fluxos e intenções de turistas vindo de cidades diversas, o turismo religioso movimenta “uma capital menor para o povo simples”:

“Enquanto percepção de tempo de permanência, cada público vem com uma tendência. Os que vem de mais longe do estado costuma passar mais tempo vem em caravana porque aqui em Ribamar é o centro das regiões do Munim, Itapecuru e Lençóis, esse povo da base cultural desses lugares aqui bem aqui próximo da Ilha eles se refugiam com guetos aqui. A cidade de é como se fosse uma capital menor para o povo simples das regiões que destaquei”.

A dinâmica da visitação também se dá fora do calendário festivo religioso, porém numa quantidade menor do que a do mês de setembro. O padre cita o caso de caravanas que visitam o santuário ribamarense em datas esporádicas:

“Os turistas vem constantemente ao santuário (de segunda a segunda) tem gente vindo aqui... é van, é ônibus, as vezes em dia atípico semanal vem 2 ou 3 ônibus de Teresina, Piauí, Pará por devoção. Vem abençoar carro... Piauí e Ceará mesmo sua devoção sendo grande no catolicismo eles vem pra cá pra abençoar carro e para lazer, pela natureza ao

redor, na ilha e que o estado também oferece e, embora seja um pouco longe e distante da capital, o povo vem pra cá. Lazer e religião acabam se encontrando aqui. Chega alguém pra tomar a confissão ou abençoar o carro, mas já desceram ali na praia, ou vem usar o banheiro do Santuário para se limpar antes de ir embora, tem isso, tem essa interação”.

Por sua proximidade com o mar, o Complexo Santuário favorece tanto o turismo religioso como o lazer atrelado às paisagens com aspectos físicos e socioculturais de São José de Ribamar. Essa possibilidade de combinação é destacada na fala de Padre Danilo que interpreta de forma harmoniosa e equilibrada essa interação.

Padre Danilo também aponta possíveis ações que ainda podem ser desenvolvidas para efetivar o potencial turístico:

“Suscitar alguns espaços culturais (a exemplo da Feirinha que a Prefeitura já fez), ampliar a quantidade de banheiros para que os visitantes tenham onde utilizar. Há uma casa dos romeiros que precisa ser ampliada e ainda não o fizemos por falta de meios. Ma há um cresecente... as gestões tem colaborado e tem nos escutado, procurando ajudar também.”

Essa declaração destaca a importância do trabalho conjunto entre Igreja e Poder Público Municipal, tendo em vista uma maior propagação da atividade turística para o desenvolvimento de São José de Ribamar.

Quanto a entrevista com os funcionários da Secretaria de Turismo de São José de Ribamar, destaca-se a fala referente como a comunidade local (moradores e comerciantes) participa do planejamento e gestão do turismo em São José de Ribamar:

“Através do Conselho Municipal do Turismo eles participam de reunião aqui, porque ele é como se fosse a sede reprodutiva representada, o poder público representado. O empresariado é muito afastado do Poder Público, mas as cobranças da atuação desse segundo é grande. Recentemente aconteceu um curso na área da orla e foram pouquíssimas inscrições dos empresários locais, dificultando o contato e parceria entre esse dois segmentos.”

A dificuldade no diálogo entre os diferentes segmentos é um ponto crítico na política de promoção ao turismo, e na fala acima desponta a ausência de interesse dos empresários em responder as propostas realizadas pelo poder público municipal.

Por sua vez, algumas práticas do turismo acabam por desdobrar outras áreas de interesse no município invisibilizadas até então. Disso, um planejamento que assegure que todos os setores sejam beneficiados e participem é fundamental. Este é o caso da exploração de novas áreas em São José de Ribamar, a exemplo da região de Juçatuba que, aos poucos,

passa a incorporar a atividade turística de trilhas ecológicas em seu cotidiano. A prática, desenvolvida por uma empresária, possibilita o conhecimento da área com especialistas que guiam os turistas. Contudo, a especulação imobiliária paulatinamente vai ganhando a área. O mesmo processo se identifica na Praia da Ponta Verde, a partir da realização dos passeios de buggy, impactando de forma significativa a área e trazendo conflitos entre alguns poucos que são beneficiados com a atividade. Sobre como o turismo acaba por reorganizar interesses espaciais, os funcionários da Secretaria de Turismo relatam:

“Causou uma visibilidade lá na localidade de Ponta Verde, pois muita gente não conhecia. Na região de Juçatuba tem-se a questão da especulação imobiliária que cresceu porque com a visibilidade dos passeios, os visitantes observam os terrenos e acabam comparando e construindo casas e, sem o controle acaba gerando um impacto ambiental.”

Nesse ponto, os destaques feitos pela equipe da Secretaria de Turismo apontam o desafio de realizar planos, projetos e políticas que, sobretudo, garantam a qualidade de vida do morador em um ambiente sustentável. Certamente o setor econômico local é beneficiado com o turismo, mas o setor social também pode ser a medida em que as transformações na paisagem possa beneficiar a todos.

“No setor social também é positivo porque há uma perspectiva de melhora de condição e qualidade de vida da pessoa que é o que a gente mais prega aqui, que essa atividade turística seja uma atividade que garanta qualidade de vida não apenas ao turismo, mas principalmente ao ribamarense”.

Percebemos nas entrevistas com representantes da Igreja Católica e da Secretaria de Turismo a preocupação com os vários setores que o turismo pode alavancar. O olhar para o turista não deixar de mirar nos impactos ambientais e sociais da população ribamarense. A articulação de escalas, agentes e processos aparece como concepção presente na fala dos entrevistados que buscam ações práticas para atrair mais turistas, mas que também percebem o quanto é preciso fazer pequenas e grandes obras para um turismo (e a consolidação de sua vocação) efetivamente sustentável e democrático.

Ao efetivar políticas em que a vocação turística seja consolidada não como fonte única determinista e determinante de um modelo de desenvolvimento que beneficia poucos, o turismo em São José de Ribamar tende a se fortalecer de forma a atrair mais turistas e tipos de turismo diversificados que podem se combinar, garantindo que a experiência do turismo e a percepção das paisagens abra horizontes e construa espaços turísticos acolhedores e que atenda de modo justo, democrático e sustentável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia buscou evidenciar como a atividade turística, enquanto “vocação” dinamizadora de São José de Ribamar, foi direcionado por uma série de transformações da paisagem desde sua formação socioespacial e o mito fundador, configurando-se numa estratégia adotada que vem atraindo cada vez mais visitas  es ao longo das últimas décadas.

O desenvolvimento da pesquisa possibilitou uma maior compreensão do fen meno turístico em São José de Ribamar, com leituras atuais acerca da abordagem geográfica da temática. A articulação entre o embasamento teórico e investigação in loco com a aplicação dos questionários e entrevistas favoreceu identificar novos elementos para o estudo e evidenciar a complexidade econômica, social e cultural. Assim, reforça-se a importância das análises geográficas sobre a atividade turística e sua alteração dos espaços e paisagens, na articulação de impactos, dinâmicas, desafios e potencialidades (no caso particular de São José de Ribamar, essa dinamização se acentua nos períodos festivos do santo católico).

Enveredar nas análises geográficas com o aporte da categoria paisagem permitiu desvendar a essências das coisas, indo além do que se vê, considerando também os sentidos, as sensações, percepções e sentimentos dos diversos sujeitos que movimentam a paisagem turística. Nesse contexto, a paisagem é a “impressão” de belezas, mas também de conflitos de interesses. Por tal motivo, as interpretações dos diferentes sujeitos da pesquisa foram basilares para compreensão do fen meno.

A dinamicidade socioespacial provocada pelo turismo em São José de Ribamar certamente perpassa pela construção de sua “vocação turística”, discurso desde o mito fundador do sítio com a benção de São José e, seguinte, imagem arriba do mar que continua a atrair visitantes. Amparado pelo apoio da prefeitura municipal, leis, planos, reformas, divulgação, combinam o turismo religioso ao turismo litorâneo. Assim, a vocação turística não se limita aos atributos em si, mas as ações que miram esses atributos valorando a eles o sentido turístico através da ordenação espacial.

Nesse quesito, a organização de serviços ainda é um gargalo no turismo em São José de Ribamar. A rede hoteleira, por exemplo, se apresenta como um ponto crítico devido a baixa quantidade de pousadas e hotéis disponíveis na cidade, o que pode dificulta a estadia dos turistas por mais tempo no município (como evidenciado na pesquisa, a maioria recorre à casa de familiares e amigos em São José de Ribamar ou, ainda, a capital São Luís quanto a pernoites).

Uma conquista recente que vale destacar é o título de Patrim nio Cultural e Imaterial

dado ao Festejo de São José de Ribamar, por meio do Governo do Estado do Maranhão. A solicitação foi feita em 2020 pela própria paróquia em sua articulação com a Arquidiocese de São Luís, o que requereu o cumprimento de uma série de requisitos que foram delineados pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, instituição ligada ao Departamento de Patrimônio Imaterial do Estado, para as questões relativas ao patrimônio maranhense imaterial.

A titulação se deu em 4 de abril do corrente ano, celebrada em reunião com a equipe de governo do estado (gestores, consultores e conselheiros), representantes religiosos do Santuário e Equipe de pesquisadores que trabalharam na sintetização dos dados e informações sobre o festejo do santo. Entre as razões para a titulação está o fato do evento representar uma identidade, história e memória atrelada a fé católica na/da cidade de São José de Ribamar. Esse reconhecimento oficial envolverá medidas por parte do Governo do Estado em relação ao festejo religioso, de modo a assegurar a continuidade, a manutenção e a proteção do evento católico, através de políticas públicas voltadas à preservação, promoção e fortalecimento da atividade na cidade balneária.

Os segmentos turísticos aqui abordados, turismo religioso e turismo ecológico litorâneo, são os mais expressivos em São José de Ribamar. Todavia, a diversidade de segmentos turísticos pode ser benéfica para o município, como comentado nos questionários e entrevistas coletados. Sendo o planejamento e gestão fundamentais para primar pelos aspectos naturais e culturais das paisagens, estabelecendo com prioridade a qualidade de vida dos moradores e equilíbrio ambiental. Por se tratar de um fenômeno vasto e dinâmico, o turismo em São José de Ribamar deve ainda ser tema de outras análises geográficas, podendo esse TCC se configurar como fonte de pesquisas vindouras.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASILEIRA DE PROMOÇÃO INTERNACIONAL DO TURISMO – EMBRATUR. Disponível em: <www.embratur.com.br/história>. Acesso em 09/07/2024.

ANJOS, W. F. dos. **O centro da cidade e seu conteúdo simbólico**: um estudo sobre o município de São José de Ribamar/MA a partir da construção do complexo arquitetônico do santuário. Dissertação (Mestrado em Geografia) - UNESP, Presidente Prudente/SP, 2024.

ASSIS, L. F. Turismo de segunda residência: a expressão espacial do fenômeno e as possibilidades de análise geográfica. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v.7, n.11, p. 107-122, 2003.

AZEVEDO, A. P. M. **São José de Ribamar**: um santuário de fé no Maranhão. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2008.

BESSE, J. **Ver a terra** seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Ttadução Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BRUSSIO, J. C.; SOUZA, J. A. X.; SANTOS, J. R. C.; FERREIRA, A. L. S. O festejo de São São José de Ribamar/MA e as (re)configurações do turismo religioso no espaço e tempo da pandemia da Covid -19. **Revista de Turismo Contemporâneo**, Natal, v. 10, n. 1, p. 162-182, jan./abr. 2022. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/27166/15553>>. Acesso em: 04/07/2024.

CANTANHEDE, L. M. **Ações de promoção da gestão pública para o desenvolvimento do turismo no município de São José de Ribamar – MA, no período de 2008 a 2012**. Monografia (Graduação em Turismo) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2013.

CARLOS, A. F. A. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CASTRO, J; GARCES JUNIOR, A.; PEREIRA, P.R; DANTAS, E. Práticas marítimas modernas no município de São José de Ribamar – MA: ações e transformações que impulsionam o turismo local. **InterEspaço**, v. 4, n. 15 p. 222-240, 2018.

COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-159, 1998.

CORRÊA, M. K.; SOUZA, M. A. P. A construção de uma vocação turística para o município de Florianópolis. **Revista Eletrônica Ciências da Administração e Turismo**, v.5, n.1, p. 23 - 41, Jan/Jun, 2017.Disponível em: < <http://incubadora.periodicos.ifsc.edu.br/index.php/ReCAT/article/view/349>>. Acesso em 07/07/2024.

CORRÊA, R. L. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17, 2007.

CRUZ, R. C. A. **Políticas de Turismo e (re)ordenamento de territórios no litoraldo Nordeste do Brasil**. 1999. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia. Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

CRUZ, R. C. A. Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: LEMOS, A. I. G.; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. **América Latina: cidade, campo e turismo**. San Pablo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO, 2006.

DANTAS, E. W. C. Construção da imagem turística de Fortaleza/Ceará. **Mercator**, Fortaleza, v. 1, n. 1, jan. 2009. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/195>. Acesso em: 8 jul. 2024.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, R. **O turismo religioso como segmento do mercado turístico**. São Paulo: Cortez, 2009.

DIAS, R.; SILVEIRA, E. J. S. da (orgs.). **Turismo religioso: ensaios e reflexões**. Campinas: Editora Alínea, 2003.

FERREIRA, A. L. S. **O geossimbolismo do Santuário de São José de Ribamar, Maranhão: um estudo sobre os festejos e o turismo religioso**. 2021. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2021.

FONSECA, M. A. P. **Espaço, políticas de turismo e competitividade**. Natal/RN: EDUFRN, 2005.

GALVÃO FILHO, C. E. P. A Geografia estudando o Turismo: uma análise dos trabalhos apresentados em dois eventos geográficos nacionais. Monografia (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2005.

GARCIA, D. S.; BAHLE, M. As contribuições da Nova Geografia Cultural na atividade turística. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**. v.5, n.1, p.23-44, abr. 2011. Disponível em: <<https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/374>>. Acesso em 07/07/2024.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Território**, Rio de Janeiro, ano II, n. 3, p.77-85, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://dlwqtxts1xzle7.cloudfront.net/31507414/03_6_holzer-libre.pdf>. Acesso em 01 ago. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades São José de Ribamar (CENSO 2022)**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/sao-jose-de-ribamar/panorama>>. Acesso em 24 jan.2024.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **Enciclopédia dos Municípios Maranhenses**: Ilha do Maranhão. SãoLuís: IMESC, 2021.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS. **Regiões de desenvolvimento do estado do Maranhão**: proposta avançada. São Luís: IMESC, 2020.

LADWIG, N. I.; ADAMI, R. M.; SALVIA, D. B.; VICTORIA, F. R. B. Análise da vocação turística: um desafio na região intermediária de Lages, Santa Catarina. **Revista Tamoios**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 323–345, 2024. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/76388>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

LISBOA, L. G. **Histórias de pescadores**: o imaginário nas histórias do mar e igarapés de São José de Ribamar. 2015. Monografia (Graduação em História) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2016.

MARANHÃO. Secretaria de Estado do Turismo. **Polos Turísticos**. 2024. Disponível em: <https://turismo.ma.gov.br/programas-ou-campanhas/polos-turisticos>. Acesso em: 24 ago. 2024.

MARANHÃO. Secretaria de Estado do Turismo. **Observatório do Turismo do Maranhão**. Disponível em: <https://observatorio.turismo.ma.gov.br/polos-turisticos/>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MARULO, A. M.; OLIVEIRA, E. J. de; BATISTA, J. L. D. Turismo, geografia e a obra de Rita de Cássia Ariza da Cruz. **Revista de Turismo Contemporâneo-RTC**, Natal, v. 4, ed. especial, p. 116-134, abr. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/6731>>. Acesso em: 23 ago. 2024.

MASCARENHAS, G. **Fundamentos Geográficos do Turismo**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do turismo**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo/-publicacoes/segmentacao-do-turismo>. Acesso em: 13 abril. 2024.

MIRANDA, A. J. F. **São José de Ribamar**: nossa história, nossa cultura e nossa gente. São Paulo. Cortez, 2009.

MIRANDA, A. J. F. **Tradição, lendas e história de São José de Ribamar**. São Luís: EditoraGT, 2023.

OLIVEIRA, C. D. M. de; SOUZA, J. A. X. de. A ‘geograficidade’ das formas simbólicas: o Santuário de Fátima da Serra Grande em análise. **Revista franco-brasileira de geografia**, v. 9, n. 9, 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO – OMT. Entendendo o turismo: glossário básico. Disponível em: <<http://statistics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/glossaryen.pdf>>. Acesso em: 20/07/2024..

PARÓQUIA E SANTUÁRIO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR. Disponível em: <<https://www.santuarioderibamar.org/>>. Acesso em: 05/05/2024.

PESTANA, E. **O mais completo histórico dos primeiros milagres de S. José de Ribamar**: da lenda à realidade – a marcha progressista do lindo arraial, através dos tempos. São Luís: Imprensa Oficial, 1923.

REIS, J. R. S. dos. **São José de Ribamar**: a cidade, o santo e sua gente. São Luís, 2001.

RIBEIRO, J. T. M. **A romaria dos motoqueiros em São José do Ribamar-MA**: experiências no catolicismo popular. 2019. Monografia (Licenciatura em História) –Universidade

ROCHA, M. da S.; BARBOSA, J. M. O hipertotem Santa Rita de Cássia na dinâmica paisagística do turismo em Santa Cruz/RN. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. v. 1, n. 31, p. 372-395, 2020.

RODRIGUES, A. B. Geografia e Turismo: notas introdutória. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, v. 6, 1992. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdg_article/view/47112>. Acesso em: 13 jun. 2024.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C. (orgs.). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SANTOS, M. Sociedade e Espaço: formação espacial como teoria e como método. **Antipode**, nº1, vol. 9, jan./fev. de 1977. Disponível em: < <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1092/949> >. Acesso em 08/07/2024.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTUÁRIO DE SÃO JOSÉ DE RIBAMAR. Disponível em: < <https://www.santuarioderibamar.org/> >. Acesso em 04/07/2024.

SÃO JOSÉ DE RIBAMAR. **Igreja Matriz recebe iluminação artística em São José de Ribamar**: a igreja é o primeiro projeto de vários que estão no cronograma. Publicado em 11/05/2021. Disponível em: < <https://www.sjr.ma.gov.br/detalhe-da-materia/info/igreja-matriz-recebe-iluminacao-artistica-em-sao-jose-de-ribamar/107919> >. Acesso em 09/07/2024.

SÃO JOSÉ DE RIBAMAR. **Lei nº 645 de 10 de Outubro de 2006**. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de São José de Ribamar, Estado Maranhão, e trata de outras providências. São José de Ribamar, 2006.

SÃO JOSÉ DE RIBAMAR. **Novo Cais de São José de Ribamar voltou a atrair visitantes**: a obra de requalificação do Cais de Ribamar, além de gerar 90 empregos diretos e indiretos, foi projetada para garantir segurança e lazer para as famílias ribamarenses além dos visitantes que chegam para desfrutar do local. Reportagem publicada em 05/04/2017. Disponível em: < <https://www.saojosederibamar.ma.gov.br/detalhe-da-materia/info/novo-cais-de-sao-jose-de-ribamar-voltou-a-atrair-visitantes/56876> >. Acesso em 09/07/2024.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos**: Geografia e Fenomenologia. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SILVA, K. O.; FONSECA, M. A. P. da. A geografia e a dimensão espacial do turismo: Um ensaio exploratório. **PubliCa**, v. 6, 2010, p. 1-9. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/publica/article/view/5742>>. Acesso em 09/07/2024.

SOUSA, M. M. P. de. **Festa religiosa do Círio de Nazaré**: difusão da fé e geossimbolismos nacidade de São Luís. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2017.

SOUZA, J. A. X. de. **Espaços de peregrinação**: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

STEIL, C. A. Peregrinação, Romaria e Turismo Religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, E. S. (org.). **Turismo religioso**: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. Campinas: Papirus, 2003.

TEIXEIRA, E. F. B., Leite, J. S. C., RODRIGUES, M. E. P., SILVA, C. D. da, & Cutrim, K. D. G. O papel do plano diretor da cidade de São José de Ribamar na preservação cidadã e sustentável do seu patrimônio cultural. **REVES - Revista Relações Sociais**, v.6, n,1, p. 1 – 18, 2023. Disponível em: <<https://beta.periodicos.ufv.br/reves/article/view/15274/7938>>. Acesso em 09/07/2024.

VATICAN NEWS. **Santuário Nacional registra aumento no número de peregrinos em 2023**: Concentração de público é predominante aos finais de semana e feriados. Reportagem publicada em: 05/01/2024. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2024-01/santuario-nacional-registra-aumento-numero-peregrinos.html#:~:text=O%20Santu%C3%A1rio%20Nacional%20de%20Aparecida,e%20dezembro%20do%20%C3%BAltimo%20ano.>>

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA TURISTAS

Idade	Sexo: () M () F	Cidade e estado:
-------	-------------------	------------------

1. Qual o principal motivo para visitar esse espaço?
2. Quais áreas da cidade você costuma visitar? Por quê?
3. Costuma visitar esse(s) lugar(es) em alguma data específica? Quando?
4. Que sensação você sente ao visitar esse(s) lugar(es)?
5. Que atividades você realiza nesse espaço?
6. Costuma fazer compras aqui? () Sim () Não
7. Que tipo de produtos costuma comprar?
8. Quando tempo você permanece na cidade?
9. Onde fica hospedado?
10. Percebeu mudanças na área desde sua última visita? O que mudou?
11. Tem vontade de retornar outras vezes? () Sim () Não
Porquê?
12. Relate
 - a) Pontos Positivos da área:
 - b) Pontos Negativos da área:

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O PADRE

- 1) Quanto a vinda de fiéis de outras cidades para conhecer e frequentar as igrejas católicas de São José de Ribamar, como o senhor percebe o turismo religioso em Ribamar atualmente?
- 2) Existe algum período ou festividade de maior frequência de fiéis de outras cidades que vem a São José de Ribamar? Quais?
- 3) A partir da sua experiência, o fluxo de visitantes que vem a São José de Ribamar para turismo religioso tem aumentado? Quais fatores têm favorecido o aumento ou a diminuição do fluxo de fiéis?
- 4) Além do fluxo de fiéis, o senhor percebe mais alguma mudança ocorrida nos últimos anos quanto ao turismo religioso em São José de Ribamar? Local de origem dos visitantes, tempo de estadia, frequência de visitação...
- 5) Quais as estratégias adotadas pelo Santuário para estimular o turismo religioso em São José de Ribamar?
- 6) Existem parcerias entre a Igreja e o Poder Público Municipal para o fomento de atividades turísticas? Quais?
- 7) Quais os impactos (positivos e negativos) do turismo religioso para a comunidade local?
- 8) Quais obras (tanto por parte da paróquia, quanto do poder municipal) ainda são necessárias para fortalecer o turismo religioso em Ribamar?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O SECRETÁRIO DE
TURISMO

- 1) Como o senhor analisa o cenário atual do turismo em São Jose de Ribamar?
- 2) Quais são os principais tipos e áreas de turismo em Ribamar atualmente?
- 3) Como as atividades turísticas desenvolvidas impactam (positiva e negativamente) o município ribamarense?
- 4) Quais atividades têm sido desenvolvidas pelo poder público municipal para promoção do turismo na cidade na sua gestão?
- 5) Existem projetos/planos futuros a serem implantados no campo do turismo em São José de Ribamar?
- 6) Sabendo-se que o turismo religioso é bem expressivo na cidade, como se dá a relação entre a Secretaria de Turismo e a Igreja Católica local?
- 7) Como a comunidade local (moradores e comerciantes) participam do planejamento e gestão do turismo em São José de Ribamar?
- 8) O que falta para potencializar ainda mais o setor do turismo em São José de Ribamar?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE ENTREVISTA COMERCIANTES

Sexo: () M () F

Idade: _____

Grau de Escolaridade: _____

1) Em que tipo de estabelecimento você trabalha?

() Loja de artigos

religiosos()

Restaurante

() Hotel

() Bar

() Loja de confecções

() Vendedor ambulante

() Outros:___

2) Que tipo de atividade você desempenha?

() proprietário () funcionário () autônomo

3) Que tipos de produtos você vende?

4) Qual o melhor período de vendas?

5) Você considera a localização do seu trabalho como um fator positivo para as vendas? () Sim () Não